



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO PINHEIRO
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA

GERLANE COSTA FONSECA

LEITURA E INTERDISCIPLINARIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: uma abordagem para além da decifragem de códigos

Pinheiro
2023

GERLANE COSTA FONSECA

**LEITURA E INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: uma
abordagem para além da decifragem de códigos**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pinheiro UEMA/CESPI, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.^a Ma. Edilene Reis Pereira

Pinheiro
2023

Fonseca, Gerlene Costa.

Leitura e interdisciplinaridade no processo de ensino e aprendizagem:
uma abordagem para além da decifragem de códigos ./ Gerlene Costa
Fonseca. – Pinheiro (MA), 2023.

62 f.

Monografia (Curso de Pedagogia Licenciatura) - Universidade Estadual do
Maranhão, Campus Pinheiro, 2023.

Orientadora: Profa. Ma. Edilene Reis Pereira.

1. Leitura. 2. Interdisciplinaridade. 3. Contexto escolar. I.Título.

CDU: 028.1

**LEITURA E INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: uma
abordagem para além da decifragem de códigos**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pinheiro UEMA/CESPI, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Prof.^a Ma. Edilene Reis Pereira

Aprovado em: 14/12/2023

Nota: 8,30

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a) Profa. Ma. Edilene Reis Pereira
Universidade Estadual do Maranhão - Campus Pinheiro

Prof.^a Esp. Elaine Cristine Cruz Chagas
1º examinador(a)

Prof.^a Esp. Suzane Castro de Araújo Silva
2º examinador(a)

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador da vida e de todo o universo, por ter me dado à vida e tudo que de bom há nela.

À minha família, minha base de vida, pelo apoio nas horas difíceis e nos momentos de alegria que não têm preço.

À minha orientadora, professora Ma. Edilene Reis, pelos conhecimentos mediados durante a orientação desta pesquisa.

Aos professores e acadêmicos do curso de pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pinheiro, que me inspiraram e me auxiliaram de forma direta e indireta neste estudo.

A todos que me ajudaram. Minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente estudo mostrou a leitura e a interdisciplinaridade no contexto escolar na perspectiva de leitura que vai além da decifragem de códigos e/ou ferramentas maçantes que acabam por deixar o ato de ler cansativo e pouco atrativo aos olhos de quem o executa. O estudo teve como objetivo geral compreender como a leitura sendo envolvida em uma abordagem interdisciplinar contribui para que os indivíduos possam se desenvolver criticamente, fazendo uso social das práticas que se aglutinam a partir dessa ação. De modo específico, pretendeu-se descrever os agentes socializadores e responsáveis pelo desenvolvimento da leitura e sua importância para a pessoa enquanto cidadã do mundo; analisar a interdisciplinaridade no contexto educativo e suas inferências no processo de leiturização, e; identificar como acontece o ensino da leitura pelo viés interdisciplinar, considerando as áreas do conhecimento que devem dialogar comumente entre si para que o aluno produza conhecimentos acessíveis para conviver em sociedade e responder às demandas presentes. Como metodologia de pesquisa, contou-se com uma busca bibliográfica descritiva. Descritiva por expor e interpretar as informações contidas nos referenciais teóricos consultados, a saber, Fernandes (2006), Solé (2008), Freire (2001; 2009), Piaget (2002), Bamberger (2011), a BNCC (2017) entre outros que se dispõe a investigar sobre o objeto aqui exposto. O contato direto com o objeto deu um resultado considerado satisfatório, uma vez que se compreendeu como a dinâmica da leitura, utilizando-se da interdisciplinaridade pode respaldá-la em uma linha de pensamento maior e uma prática bem refinada. Constatou-se também que a leitura deve ser utilizada de modo transversal, perpassando por todas as áreas do conhecimento, pois quaisquer conhecimentos, sejam da Matemática, das Ciências Humanas, de Linguagens e das Ciências Humanas devem necessariamente ser transversalizados pela leitura e, posteriormente, a interpretação do que se ler, para que haja uma compreensão mais abrangente e aberta a diálogos e desenvolvimento crítico na produção do conhecimento.

Palavras-chave: Leitura. Interdisciplinaridade. Contexto escolar.

ABSTRACT

The present study shows reading and interdisciplinarity in the school context from the perspective of reading that goes beyond deciphering boring codes and/or tools that end up making the act of reading tiring and unattractive in the eyes of those who perform it. The general objective of the study was to understand how reading, being involved in an interdisciplinary approach, contributes to individuals being able to develop critically, making social use of the practices that come together from this action. Specifically, it was intended to describe the socializing agents responsible for the development of reading and its importance for the person as a citizen of the world; analyze interdisciplinarity in the educational context and its inferences in the reading process, and; identify how reading is taught from an interdisciplinary perspective, considering the areas of knowledge that must commonly interact with each other so that the student produces accessible knowledge to live in society and respond to present demands. As a research methodology, a descriptive bibliographic search was used. Descriptive for exposing and interpreting the information contained in the theoretical references consulted, namely Fernandes (2006), Solé (2008), Freire (2001; 2009), Piaget (2002), Bamberger (2011), the BNCC (2017) among others that are willing to investigate the object exposed here. Direct contact with the object gave a result considered satisfactory, since it was understood how the dynamics of reading, using interdisciplinarity can support it in a greater line of thought and a very refined practice. It was also found that reading must be used in a transversal way, covering all areas of knowledge, as any knowledge, whether Mathematics, Human Sciences, Languages and Natural Sciences and Society must necessarily be transversalized by reading and, subsequently, the interpretation of what is read, so that there is a more comprehensive understanding and open to dialogue and critical development in the production of knowledge.

Keywords: Reading. Interdisciplinarity. School context

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A LEITURA E A FORMAÇÃO CIDADÃ: apontamentos iniciais	10
2.1 A participação da família nessa formação	14
2.2 A relação família e escola	18
2.3 O papel social da escola	22
2.4 O papel social do professor na formação de alunos leitores	27
3 A INTERDISCIPLINARIDADE: interlocuções no processo de ensino e aprendizagem leitor	32
3.1 Interdisciplinaridade: compreensões necessárias	32
3.2 O ensino da leitura pelo viés interdisciplinar	36
3.3 Leitura e interdisciplinaridade nas áreas do conhecimento: uma necessidade atual	40
3.3.1 A leitura em diálogo com as Linguagens	42
3.3.2 A leitura em diálogo com a Matemática	44
3.3.3 A leitura em diálogo com as Ciências Humanas	48
3.4 O ensino da leitura pelo viés interdisciplinar: uma necessidade atual	52
4 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

A leitura e interpretação de textos estão sempre presentes na vida humana, proporcionando novas descobertas e curiosidades. Na rede de ensino essa prática serve como porta de entrada para o mundo literário de modo sistemático. Deve ser, portanto, primeiramente, apoiada pelos pais em casa para depois ser apresentada e trabalhada pelos professores no ambiente escolar. Quando inserida no ambiente escolar, deve ser mediada de forma que proporcione todo um contexto e adaptações para o público leitor, onde desperte a aptidão, o gosto e o prazer em ler. Dessa forma, o público ensinante, seja pais e/ou professores deve propor e defender a formação leitora através do uso de textos de diversos gêneros textuais.

Sabendo-se da importância que há da presença da leitura em todos os ambientes, principalmente o escolar, que é quando a criança tem seus primeiros contatos com a educação sistematizada, surgiu a seguinte problemática que direcionou toda a pesquisa: A leitura de modo interdisciplinar prefigura-se como uma aliada ao processo de desenvolvimento de aprendizagem escolar e social?

Pensando nesse pressuposto e na tentativa de responder ao questionamento levantado, o presente estudo teve como objetivo geral compreender como a leitura sendo envolvida por meio de uma abordagem interdisciplinar contribui para que os indivíduos possam se desenvolver criticamente, fazendo uso social das práticas que se aglutinam a partir dela. De modo específico, pretendeu-se descrever os agentes socializadores e responsáveis pelo desenvolvimento da leitura; analisar a interdisciplinaridade no contexto educativo e suas inferências no processo de leiturização, e; identificar como acontece o ensino da leitura pelo viés interdisciplinar, considerando as áreas do conhecimento que devem dialogar comumente entre si.

Como metodologia, contou-se com uma pesquisa bibliográfica descritiva. Descritiva por expor e interpretar as informações contidas nos referenciais teóricos consultados, a saber, Fernandes (2006), Solé (2008), Freire (2001; 2009), Piaget (2002), Bamberger (2011), a BNCC (2017) entre outros que se dispõe a investigar sobre o objeto aqui exposto.

Considerou-se nesta pesquisa que a formação do leitor ativo está ligada diretamente aquilo que lê, portanto, apresentar um estudo arraigado de leituras é o caminho mais viável a seguir rumo a uma leitura consciente.

Para dar conta de responder ao questionamento por meio dos objetivos traçados, a pesquisa estruturou-se em quatro seções contando introdução e conclusão. Excetuando essas partes tem-se a segunda seção que evidencia a leitura e a formação cidadã e formato de apontamentos iniciais. Nesta seção são explicitadas a relação família e escola na formação leitora, a relação família e escola, bem como o papel social da escola e o papel social do professor na formação de alunos leitores.

Na terceira seção encontra-se a interdisciplinaridade e suas interlocuções com o processo de ensino e aprendizagem leitor. Nesta seção há compreensões necessárias sobre interdisciplinaridade, o ensino da leitura pelo viés interdisciplinar e o diálogo entre leitura, interdisciplinaridade nas áreas do conhecimento enfatizando que há uma necessidade na atualidade do uso de ações interdisciplinares no espaço escolar até mesmo para dar conta das múltiplas mudanças que vêm acontecendo na sociedade.

Com este diagnóstico de como foi desenvolvida a pesquisa, espera-se que os resultados aqui contemplados tenham sido de fato contemplados e que a interdisciplinaridade continue a seguir pelas trilhas da educação e, principalmente, no planejamento dos professores, na pluralidade de ideias que devem ser dispostas nas aulas de todas as disciplinas, independentemente de qual objeto/conteúdo esteja sendo trabalhado.

2 A LEITURA E A FORMAÇÃO CIDADÃ: apontamentos iniciais

O termo “leitura” vem do latim “*lectura*” que significa “ato de ler, aquilo que se lê; arte ou hábito de ler” (Fernandes, 2006, p.12). A leitura, dessa forma, é necessária à formação de pessoas, além disso, ela é considerada uma arte, uma vez que media o desenvolvimento individual e coletivo, através do conhecimento produzido por ela.

Aprender é um ato inerente ao ser humano, como pontua Libâneo (2005, p. 35):

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta em uma aproximação crítica dessa realidade. O que é aprendido não decorre de uma imposição ou memorização, mas do nível crítico de conhecimento, ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítico.

Nessa aprendizagem em aderência ao ser humano vista por Libâneo, entende-se que a partir dos primeiros contatos da criança com livros nasce uma interdependência dela com o universo das letras.

Segundo Solé (2008, p. 72), “formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos”. Dessa forma, a compreensão da leitura por meio de textos incentiva a criança a tornar-se um ser social participante na sociedade, na qual ela venha desempenhar suas ações comunicativas e linguísticas no espaço onde esteja inserida. Freire (2001) chama a atenção para isso quando propõe que:

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou de linguagem escrita, mas se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o contexto (Freire, 2001, p. 11).

Nas palavras de Freire, a leitura torna-se importante, pois enriquece o ser humano como pessoa culta e seu aprendizado deve ter início no seio da família e se prolongar à educação formal onde começa a ser mediada nos anos iniciais como algo prazeroso e significativo.

De modo geral, a pessoa em contato prolongado com a leitura amplia seu universo de conhecimento de mundo e desperta o lado crítico e criativo para as diversas áreas do conhecimento, dando-lhes significados e sentidos, assim, o ato de

ler possibilita ao aluno desempenhar ações tanto no contexto escolar como em outros espaços. É a partir dela que o indivíduo descobre o saber necessário para que possa exercer com consciência os seus direitos e deveres. A leitura abre caminhos para o desenvolvimento de outras habilidades que dispõe o indivíduo. Daí a necessidade de a criança ser inserida no mundo leitor desde pequena.

Bragatto Filho (2005, p. 98) afirma que: “formar um leitor é com certeza formar o sujeito emancipado, dotado de espírito crítico, é construir o cidadão, para que este aja na sociedade de maneira ativa e reflexiva”.

A leitura na formação cidadã significa descobrir e compreender a palavra e o sentido que ela transmite. É uma prática cultural e social, é através dessa prática que as crianças aprimoram seu conhecimento e vão encontrando caminhos para o desenvolvimento cognitivo, a imaginação e a sua inserção no mundo social e tecnológico. Assim, as crianças vão cultuando o prazer e vontade de ler, e isso ajudará o exercício de todas as suas dimensões humanas. A depender de como essa prática é ofertada, isso faz muita diferença.

O ser humano desde o seu nascedouro, passa por transformações contínuas que geram aprendizagens que se formalizam por meio de interações entre si, o outro e o meio que permitem desenvolver ideias e valores. Através das relações sociais, a criança vai aplicando formas de lidar com o mundo, construindo valores e significados para ações e experiências no meio no qual se encontra inserida.

O processo de desenvolvimento do ser humano caracteriza-se por ser de dimensão contínua, estendendo-se por toda vida, a criança aprende wno seio familiar. É lá que as primeiras aprendizagens acontecem, é lá também que ela aprende a relacionar-se afetivamente com outros grupos. É lá que acontecem os primeiros firmamentos de sua identidade enquanto sujeito históricosocial

Leitura e, conseqüentemente a escrita, são instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada a qual o mundo vive. Nesse sentido, faz-se de sumária necessidade a presença desses instrumentos tanto no ambiente familiar quanto escolar para a completa realização da “comunicação do homem na sociedade contemporânea e a chave para apropriação do saber já conquistado pela humanidade” (Tardif, 2012, p.33).

Ler não significa somente codificar o que está escrito, significa também compreender algo para além do que está impresso. A leitura e a escrita têm um valor

social fundamental, pois é através dessas categorias que as pessoas se comunicam e anunciam a sua mensagem.

Nesse contexto, compreende-se que as crianças aprendem facilmente sobre a língua falada, quando estão envolvidas no seu uso, quando a língua tem possibilidades de fazer sentido para elas e isso gera hipótese, ou seja, a partir do momento que ela tem esse contato, torna-se capaz de entender o que fará sentido. É preciso que a aquisição da leitura seja uma habilidade cognitiva de registrar sons em letras e não como uma atividade cultural complexa.

O aluno aprende a ler por diferentes processos construindo seus conhecimentos numa relação dialética. Essa aprendizagem pode ser ensinada de forma autêntica, lúdica para que se torne objeto de interesse entre os estudantes.

De acordo com o estudo de Ferreiro (2005, p.36), aprendizagem da leitura e da escrita “não se inicia quando a criança ingressa na escola, visto que fora da escola realiza-se um verdadeiro trabalho cognitivo sobre o material escrito que encontra em seu meio circundante”.

De acordo com a proposta construtivista de Piaget (2002), o aluno deve ser sempre avaliado para diagnosticar em qual nível de conhecimento encontra-se para que o professor possa fazer as intervenções adequadas, constituindo assim, um avanço de fase, pois todo processo de aprendizagem está articulado com a história de cada indivíduo, e o ser humano aprende mais facilmente quando o novo pode ser relacionado com algum aspecto de sua experiência prévia.

O processo de leitura tem como um de seus princípios, formar cidadãos competentes, dinâmicos e criadores de novos repertórios e novos enredos. A prática de leitura é um processo no qual o leitor realiza uma atividade ativa de construção de significados a um texto. A prática de leitura ajuda o leitor a extrair informação, significados de um texto e criar seu próprio enredo.

A prática de leitura ajuda o leitor a compreender informação, significados e incorporações da escrita, onde os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. O processo de leitura trata de formar bons leitores, pessoas capazes de ler e conjuntamente escrever com eficácia.

No que tange essa informação, tem-se Bamberger (2010), para quem:

Somente através da prática de leitura, constitui-se um leitor competente, a partir de uma atividade que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente um leitor competente é alguém que compreende o que se lê e que sabe ler o que não está explícito no texto, estabelecendo relações, entre o texto que lê e outros que já leu, dando sentidos que podem ser atribuídos ao texto. A prática de leitura é uma atividade social complexa, e cabe à escola preservar sua natureza com a diversidade de textos e de combinações existentes entre eles (Bamberger, 2010, p. 68).

Cabe à escola, viabilizar aos alunos o acesso ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinando-os a produzir novos textos e a interpretá-los. A prática de leitura é muito importante na formação de bons leitores, pois responde a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade inteligível.

O desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente da escola, cabendo a ela proporcionar aos alunos diversidades de textos. A prática de leitura em sala de aula “pode ser desenvolvida através de caminhos de leitura o professor pode providenciar livros literários, proporcionando aos alunos momentos de leitura” (Silva, 2006, p.13).

A leitura é de fundamental importância na vida das pessoas, pois através dela é que se adquirem novas ideias, se obtém informações necessárias e discernimento para analisá-las e tomar como verdadeiras ou refutá-las. A leitura contribui para o prazer pessoal e amplia os interesses do indivíduo por questões sociais. Todas essas conquistas podem levar a uma vida bem mais confortável em relação às escolhas.

A leitura ajuda no desenvolvimento e na personalidade do indivíduo, e é um dos aspectos mais importantes para o aluno como ponto de partida para a aquisição de conhecimentos, meios de comunicação e socialização.

Por esta razão, Silva (2006) destaca que:

Ler é um processo dinâmico e ativo implicando não só, a apreensão do significado do texto, mas a incorporação de nossa experiência e visão de mundo como leitor. A cada leitura essa interação dinâmica leitor/texto favorece a produção e a escrita de novo conhecimento e a expressão de uma linguagem diferenciada. Ao conhecer o ato de ler como um processo dinâmico, naturalmente, está priorizando a formação de um leitor crítico e criativo (Silva, 2006, p.67).

A leitura por ser um ato a ser construído depende de estímulo e motivação. A prática da leitura é uma tarefa essencial para a edificação do conhecimento e um deflagrador do sentimento e opinião crítica do indivíduo. Ler é produzir sentido, é...

[...] contextualizar textos: o leitor atribui ao texto que tem diante de si o sentido que lhe é acessível. Então conclui-se que quanto mais acesso ao mundo da leitura, mais conhecimento os alunos estarão adquirindo e percebendo o quanto é bom ler e fácil escrever (Brandão, 2005, p.33).

Devido a essas informações, a leitura e suas interferências feitas na sala de aula devem ser priorizadas nas diferentes disciplinas curriculares para confrontar ideias, assumir postura frente às descobertas, criar situações imaginativas e comunicacionais e dialogar com as ideias gestadas pelos autores, bem como incentivar a prática de experiência, ou seja, “ler criticamente o mundo contemporâneo para perceber que dentro dele ocorre uma veloz explosão de informações” (Silva, 2014, p 26).

Entende-se que a leitura não pode ser tratada como algo obrigatório, mecanicista, puramente para a transmissão de conteúdos por meio de treinamentos ou para o domínio da eficiência. É preciso eliminar tais ideias levianas, é preciso, porém, conceber a leitura como um processo que envolve interpretação elaborada, intervenção em seu contexto e possibilidade de criação de novos textos, dessa forma, abrange diversas áreas do conhecimento que elevam as condições para a formação do cidadão atualizado e crítico.

A considerar essas condições para a formação cidadã, destaca-se que “a leitura se caracteriza como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação sociocultural futura” (Silva, 2014, p.20).

2.1 A participação da família nessa formação

Todo processo de ensino e aprendizagem no plano concreto não acontece de forma isolada, é sempre mediado em sua integralidade a outros fatores. Participar desse processo é dever de todo cidadão, sendo a instituição família uma das principais responsáveis, pois é neste seio que a criança desenvolve seus primeiros contatos.

Como afirma Ferrari e Kaloustian (2008):

A família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar e da forma como vem se estruturando. A família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade [...] (Ferrari; Kaloustian, 2008, p.11-12).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO recomenda que a formação de hábitos de leitura, seja, em primeiro lugar, de responsabilidade da família, principalmente nos primeiros anos de vida, prolongando-se às séries iniciais do ensino fundamental. Passada essa fase, “corre-se o risco de dificultar muito a aquisição dessa prática” (Silva, 2003, p.21).

As famílias que possuem uma rotina leitora com seus filhos, que reservam tempo para esta ação tendem a contribuir para a formação do hábito de leitura. As crianças que convivem em ambientes letrados, em contato frequente com livros, com histórias, com interpretações destas, crescem valorizando momentos de interação e descoberta com base no interesse de ler e sentir-se envolvido por esse momento.

Estabelecer aos poucos essa rotina ajuda o gosto pela leitura, assim como acrescenta Bamberger (2011):

Se o pai e a mãe lerem para os seus filhos de vez em quando, isso não só incentivará a ler como também proporcionará uma base para uma discussão. Com pais poderão compreender os filhos e a significação dos livros para o desenvolvimento (Bamberger, 2011, p. 71).

Nesse sentido, a expectativa da família será mais bem atendida se seus valores estiverem sendo estendidos aos seus filhos, criando assim uma geração de leitores. Há que se fazer uma análise da ideologia, da filosofia, dos pressupostos históricos, culturais e sociais estabelecidos pelas famílias e ver como o exercício da leitura está sendo contemplado. Para tanto, é indispensável que os familiares estejam envolvidos nesse processo para que os resultados sejam satisfatórios.

Vale lembrar que esses momentos promovidos pelas famílias devem ser espontâneos e significativos, substanciada de intencionalidade, incentivo e interesse tanto por parte dos pais como dos filhos, e não como obrigação, ameaça ou qualquer outro tipo de imposição que afaste a criança da leitura, isso pode lhe causar frustração.

Nas palavras a seguir tem-se:

Se a leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, de caráter fechado, amargo, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de se ler (Sandrone; Machado, 2011, p.11).

A construção do conhecimento dá-se cotidianamente no encontro das diversas esferas sociais, havendo a participação efetiva dos familiares, particularmente no que diz respeito aos estímulos à leitura.

Corroborar-se com a ideia de que as crianças quando têm contato com livros em casa, desde a infância, e são estimuladas por pais ou familiares leitores, mantêm ampla vantagem sobre àquelas que não dispõem de pais leitores e de recursos materiais em seus lares. Mas isso não implica que este último grupo, ao ser estimulado por outros vieses não possa desenvolver suas capacidades de ler, mesmo que o ambiente o qual conviva não seja tão estimulador. Todos têm capacidades de aprender, embora se saiba que um ambiente estimulador faça toda a diferença.

Molina (2012) explica que se trata da maneira como os filhos, ainda pequenos, percebem o relacionamento que os pais têm com o material escrito, tanto pode ser um experimento social favorável como não. E é esse exemplo que acaba determinando o modo como a criança concebe o ensino e a aprendizagem da leitura.

Quando uma família não tem condições de auxiliar seus filhos no trabalho com a leitura, o incentivo deve partir do ambiente escolar, porque, talvez, esta seja a única fonte de acesso ao mundo escrito de muitos alunos, aumentando o compromisso da escola em não minimizar nem fracassar na tarefa de ensinar a ler. Mas é importante enfatizar que quanto maior apoio a escola tiver das famílias, maiores oportunidades as crianças terão de desenvolver o espírito crítico e reflexivo no que se refere ao processo de leiturização. Quando Cunha (2008, p. 54) afirma que:

Esse vínculo natural [entre escola e leitura] torna-se imperativo num país com as desigualdades sociais nos níveis existentes em nosso país, onde a família não exerce o papel de primeira e mais importante definidora do valor da leitura.

Ele vê que nessa relação há falhas que competem à família e o aprimoramento da linguagem, da expressão, dos níveis individual e coletivo. Essas falhas podem acarretar malefícios na vida leitora do indivíduo, tornando-o um não leitor ou um mau leitor, ocasionando com isso um não amante dos livros, e isso, é sim, segundo Cunha (2008) prejudicial à vida do sujeito e da sociedade que se expressa, que diz e que está

envolvida diariamente com o universo das letras. Então, para que se possam diminuir esses obstáculos e esse distanciamento, Xavier (2009, p. 01) assevera que:

A parceria entre família e escola constitui-se em um meio eficaz para despertar e consolidar o prazer pela leitura. Em casa, os pais devem se esforçar para formar filhos leitores, e não simplesmente delegar à escola essa responsabilidade.

Constata-se que a família moderna sai de casa e passa a estender sua jornada de trabalho para contribuir no sustento dos membros e, isso, acaba por minimizar a participação das famílias no desenvolvimento da leitura dos filhos. Essa é uma realidade cada dia mais aparente na sociedade brasileira.

Xavier (2009) informa que quase não há mais momentos em conjunto, onde todos os componentes da família possam estar próximos, dividindo a leitura de algo, um capítulo de um livro, uma notícia no jornal ou simplesmente uma correspondência ou sequer uma leitura de gibi. Não há espaço para atitudes singelas como estas e isso infelizmente está cada dia mais longe dos olhos e da vivência humana, principalmente com o acesso tecnológico o qual as pessoas estão imersas hoje. Na concorrência entre uma simples leitura de uma literatura e o acesso às novidades postas pela internet, esta última sempre larga na frente por concentrar um número de pessoas bem mais atraídas a este acesso.

Esse e outros aspectos mostram que no plano familiar as condições para a formação de um leitor estão cada dia mais, resumidas, principalmente se levar em consideração que a família também sofre influências de uma estrutura social onde imperam o utilitarismo, o consumismo e a alienação. Fatores estes que impedem muitas vezes, o desenvolvimento de ações simples como as de leitura familiar. Esse interesse, infelizmente está se perdendo com o tempo.

Xavier (2009) explica que esse hábito não pode se perder entre as famílias, pois é o momento onde pode haver a tríade do desenvolvimento cognitivo e imaginativo que é a interação entre família, filhos, leitura:

[...] os pais deveriam ler sempre para os filhos. Este é o momento especial para a criança que se depara com os adultos falando com voz diferente, um brilho alterado no olhar, movimentos ou expressões faciais incomuns. Essa mudança no comportamento dos pais fascina os pequenos. Essa hora se eterniza na memória e provoca uma aproximação saudável entre filhos, pais e aprendizagem da leitura (Xavier, 2009, p.2).

Na busca da sobrevivência e de alimentar os desejos consumistas, os pais tentam satisfazer suas necessidades básicas, como vestuário, alimentação, saúde, entre outros, e nessa teia os livros passam a não fazer parte dessa prioridade, ficando somente a cargo da escola disponibilizá-los aos alunos.

O sucesso na educação e na formação de leitores é largamente construído pelos hábitos vividos no lugar social. Se as crianças nunca viram seus pais tirarem proveito da leitura, dificilmente sentir-se-ão motivados para tal ação. Quando os pais são leitores bem assíduos acabam mediando aos seus filhos o valor da leitura. Já foi comprovado por muitos que o fato de ter pais leitores aumenta as chances de a criança apreciar a leitura. Gestos dessa maneira incentivam a formação de novos leitores em todos os níveis.

Analisando as questões de valores, Demo (2006) reforça que dificilmente os pais presenteiam seus filhos com livros, pois em sua concepção estes ficarão mais satisfeitos com brinquedos, viagem, ou outro recurso. Essa falta de consciência em relação à leitura parte, em grande escala, da família e segue com a criança para o contexto escolar. Quando chegam à escola dificilmente têm prazer em ler algo espontaneamente ou a pedido do professor.

Partindo do pressuposto de que a família é sim, parte integrante e extensiva do ato de ler, ela deve, mesmo em meio a desajustes e dificuldades de encontrar ou reencontrar caminhos para a prática de leitura, dispor de alternativas de compromisso e dedicação para encorajar o prazer à leitura em nome de uma de suas funções sociais que é formar o indivíduo para o seu lugar de fala e escuta na sociedade.

2.2 A relação família e escola na formação leitora

A escola e a família não devem ser concorrentes, nem tampouco, dependentes uma da outra, pois ambas desempenham funções específicas. Estas instituições se complementam para qualificar o processo de aprendizagem do filho/aluno. A complementação e a compreensão das especificidades fazem com que o aluno desenvolva seu potencial de forma natural e esteja sempre motivado a descobrir o novo. Quando os pais demonstram interesse pelos assuntos escolares, o aprendizado se torna prazeroso e eficaz com chances progressivas de sucesso na conquista dos saberes.

A escola, por sua vez, possui recursos didáticos e tem a função de estruturar a educação no âmbito pedagógico, considerando aspectos da dimensão humana. Um dos princípios garantidos em leis, como a Constituição Federal (art. 205) e a LDB nº 9394/96 (art. 2º) é “a educação, dever da família e do Estado [...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996, art. 2º).

O artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, também enfatiza essa complementariedade que deve haver entre família e escola, quando estabelece a educação infantil, como primeira etapa da educação básica, tendo “como finalidade o desenvolvimento integral da criança [...] em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (art. 29).

Tomando de base os artigos preestabelecidos em lei que asseguram o direito à educação compartilhada entre família e escola, Demo (2006, p. 123) ressalta que:

A escola sozinha não pode grande coisa, porque há inúmeros fatores que interferem no atraso da aprendizagem. Mesmo assim, se soubesse melhor ler crianças e jovens teriam alguma chance de enfrentar o mundo como sujeitos capazes de criar oportunidades, não como sujeitos envelhecidos e à mercê de forças que não dominam, nem reconhecem, porque não sabem ler. A aliança entre família e escola é muito importante no momento de desenvolver habilidades para ler e escrever fluentemente (Demo, 2006, p. 123).

Fica entendido que a escola sozinha não tem amparo para gerir um desenvolvimento cognitivo para a leitura desprovida do apoio familiar. Estabelecese, todavia, que “certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para poder ir além dele” (Martins, 2013, p.23). Ainda de acordo com Martins (2013):

Família e escola dividem funções importantíssimas, no que se refere a instruir e educar as crianças e jovens, compartilhando conhecimentos e, principalmente, valores. Por vez uma delega a outra tais responsabilidades e deixa o filho/aluno em direção a seguir (Martins, 2013, p. 59).

O prazer partilhado permite encontrar no livro uma forma de satisfação intensa. Ao ler textos escritos em revistas, receitas de bolos, jornais, cartas, panfletos e outros materiais impressos, a criança estará exercendo uma atitude leitora e se for estimulada, irá adquirir o gosto pela leitura.

Mas, infelizmente, por ainda não ter conquistado espaço privilegiado nos lares e em grande parte do espaço da sociedade, a leitura (do livro, da lição, da revista, do jornal etc.) é deixada de lado, o que gera falta de vontade por parte da criança em ler, tornando-a quase uma obrigação. Muitas vezes, quando a leitura é trabalhada na escola, esta surge em forma de atividades mecânicas, tais como o preenchimento de fichas de leitura, ou trabalhos envolvendo resumo dos livros lidos em casa, ou ainda, testes de leitura. Esse método “acaba por fixar a ideia de que fruir o texto literário é elaborar a ficha encomendada pelo professor” (Silva, 2013, p. 61).

Para Kleiman (2005) o ato de aprender está interligado ao conhecimento. E a esse favor, é preciso relacionar-se com o outro para colocá-lo no lugar de aprendiz e estabelecer uma relação permeada pelo vínculo para que se possa entrar em contato com o conhecimento por ele oferecido.

Sabe-se que o conhecimento do aluno, prévio à escola, é fruto das suas vivências e faz parte do processo interno desse sujeito. Esse conhecimento é acrescido de novas informações e transformado, para que possa ser vivenciado e internalizado. As oportunidades da leitura no âmbito familiar ajudam a criança, principalmente na inserção ao ensino fundamental, exercitar sua imaginação, relacionando suas emoções experimentadas a sensações diversas.

A escola também é campo fértil para se produzir a leitura, por ser um espaço para o desenvolvimento das potencialidades dos alunos e com intencionalidades para isso. Juntamente com a família, deve favorecer a convivência da criança com os contos, histórias e narrativas com ricos enredos para que seja redimensionada a realidade e estimulá-la com proposições a novas possibilidades de contribuir com a sociedade em que vive, exercendo a cidadania de forma integral. Para Cavalcanti (2006, p. 11):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

É fundamental que pais e professores mantenham a criança no centro de suas preocupações pedagógicas, tendo-a como matéria-prima ideal para ser ludicamente

submergida na leitura e, conseqüentemente, na escrita, tanto em situações dirigidas, como em circunstâncias espontâneas.

É a partir do acompanhamento dos pais e professores que a criança aprende os diversos modos de interagir com um texto e passa a se apropriar dele de maneira que mais esteja de acordo com suas expectativas. Para tanto, é necessário um árduo trabalho de conquista entre família e a escola na busca de estratégias que desemboquem no desenvolvimento literário da criança. Segundo Lerner (2012, p. 27), a importância da leitura repousa no fato de:

Formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explicar ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros.

De acordo com a citação acima, pode-se constatar que a criança é muito mais aberta ao novo e à cultura que a envolve, sendo um período fértil para a introdução de hábitos e valores. Tendo isso em mente, pode-se asseverar que o gosto pela leitura deve ser incentivado desde cedo pela família e prolongado na escola. Mais tarde, essa criança leitora, tornar-se-á um adulto capaz de exercer plenamente o seu papel na sociedade. Segundo Charmeux (2010, p.11):

O sucesso escolar, o sucesso profissional, a liberdade do cidadão, depende antes de tudo, de sua capacidade de leitura. E para isso, é necessário que todos participem da educação das crianças, pais e educadores, unem-se na tarefa de auxiliar todas elas a aprender.

É indispensável, porém, que a criança tenha acesso às diversas formas de leitura de forma espontânea (em casa) e de forma sistemática (na escola). Sendo assim, pode-se afirmar que a interação entre pais e educadores propicia a coerência de comportamentos, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades infantis.

É importante enfatizar que a leitura é à base do processo de alfabetização e da formação cognitiva humana, todo conhecimento, de qualquer área, transcorre pela leitura, então, é impossível uma interpretação nas áreas das Ciências Humanas, da Matemática, das Linguagens entre outras desprovidas de uma leitura bem afinada para que a compreensão seja mais definida.

Mas para isso, há a necessidade de um trabalho coletivo que permita um começo e uma continuidade nos diversos níveis do conhecimento que interajam entre

si, perpassando pelos elementos argumentativos, enriquecimento do vocabulário e o uso correto da língua. Na perspectiva deste engajamento, os laços entre família e escola devem ser fortalecidos para o alcance da formação social do indivíduo.

2.3 O papel social da escola

Desde o início da história, a escola é considerada uma das instituições sociais responsáveis pela formação do indivíduo em seus aspectos sistemáticos de aprendizagem. Então, a organização e estruturação do uso da linguagem oral e escrita nesta instituição são de fundamental importância para que o ser humano, como ser social, possa se expressar, construir relações e produzir conhecimentos.

Para isso, ao ensinar conteúdos sistêmicos de valores histórico-culturais, a escola dá acesso aos saberes linguísticos, matemáticos, humanísticos e religiosos, desenvolvendo a capacidade do uso eficaz da linguagem para saber lidar com todos os campos que se convergem ao conhecimento.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) define que o eixo da leitura deva perpassar por toda a educação básica, pois ele compreende que as práticas de linguagem sustentam a interação ativa da leitura/escuta, escrita, oralidade, análise linguística e semiótica com os textos escritos, orais e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para:

[...] fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2017, p. 121).

Observa-se, no alinhamento feito pela BNCC que as categorias de eixo da leitura são subsequentes, ou seja, o aluno que lê mais, conseqüentemente, vai se expressar melhor, seja pela oralidade ou pela escrita, bem como exprimir seus pensamentos e intenções com mais respaldo e fluência. Além disso, quanto mais o uso da leitura estiver em evidência, tanto mais contato com culturas, saberes e expressões diferentes não de surgir.

A BNCC se preocupa com a construção do domínio progressivo da habilidade leitora do aluno, para isso, ela explica que através da produção de diferentes textos, uso imagético estático (fotos, pinturas, desenhos, iconografias, etc.), uso imagético

em movimento (vídeos, filmes) ou através de sons, os alunos podem cultivar o desejo pela leitura no espaço escolar, despertando-se através da expressão, do espírito criativo e da leitura crítica da realidade.

Para que se cumpra essa finalidade, é necessário que a leitura tenha importância para o aluno e faça com que este reflita, participe e traga a leitura para a sua realidade cotidiana. Segundo Trindade (2012, p. 83) “a leitura é um ato de comunicação que não se realiza enquanto o receptor não captar e compreender a mensagem que lhe foi destinada”.

Observa-se em contexto geral que um dos graves problemas enfrentados pela escola é a dificuldade que o aluno tem de interpretar um texto lido, isto é, compreendê-lo e colocá-lo em prática o seu entendimento pessoal e social. De acordo com os PCN (2001, p. 55): “não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede”.

Tendo isso em mente, pode-se afirmar que a escola tem grande importância em formar bons leitores, cabendo a ela oferecer oportunidades diversas aos seus alunos, possibilitando que aprimorem sempre o seu processo de humanização.

A leitura deve ser trabalhada em sala de aula com o propósito de desenvolver padrões linguísticos (articulação, timbre, entonação quanto à pausa, pontuação, prosódia, coesão, coerência, ortografia, entre outros). Isso se torna mais viável se o aluno estiver em contato intensivo com a leitura e faça dela parte de sua vida.

Sendo assim, a atividade de leitura inicia-se na família, entretanto, é na escola que ela se efetiva formalmente. Então, embora não sendo o único espaço no qual a leitura é trabalhada, cabe à escola promover esta prática estabelecendo estratégias com diferentes recursos e oferecendo um ambiente adequado ao desenvolvimento da inteligência do aluno.

De acordo com Kamisaka (2007, p. 35), “a escola, uma prática bem planejada e muita dedicação, ajudam os alunos enfrentar dificuldades para fazer a leitura um meio de aprender, se informar, trabalhar e participar da sociedade em pé de igualdade”.

Sendo tarefa de a escola garantir a todo o aluno o direito à leitura, viabilizar uma educação escolar que cumpra com essa tarefa é prioridade que se impõe às

políticas públicas da educação. O exercício do direito ao conhecimento e ao domínio da leitura é fundamental para a qualidade de vida de todo ser humano.

Sendo assim,

A leitura deve ser tomada como uma prática social a ser devidamente encarnada na vida cotidiana das pessoas, e cujo aprendizado se inicia na escola, mas que de forma nenhuma deve terminar nos limites da experiência acadêmica (Silva, 2003, p. 21).

A educação e a escola são de suma importância na vida do aluno, uma vez que, através delas, o aluno ingressa no mundo da leitura, faz uso social dele e aprende a viver socialmente. Tanto a educação quanto a escola precisam enfrentar o desafio em formar leitores para a cidadania ativa e para a consciência crítica de forma independente, sendo capaz de localizar a informação, avaliá-la e sentir se essa informação é importante e verdadeira, e, a sendo, saber conduzir o seu compartilhamento.

A BNCC estabelece dez competências gerais para toda a educação básica, uma delas é a cultura digital que deve:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2017).

Além da cultura digital, encontram-se referências à leitura em outras competências gerais da BNCC como a do *conhecimento* que valoriza saberes historicamente construídos; a do pensamento científico, crítico e criativo que exercita a curiosidade, a do repertório cultural que valoriza a fruição das diversas manifestações artísticas, a da comunicação que utiliza diferentes linguagens para produzir sentimentos em contextos que levam a um entendimento mútuo, e a da argumentação que formula, negocia, e defende ideias e posicionamentos éticos, entre outras. Essas e outras competências só são possíveis de serem desenvolvidas por meio da leitura e da compreensão do universo do que cada uma, de modo específico pretende alcançar.

A escola representa uma via fundamental na vida do aluno, uma vez que, através dela há aberturas para outros níveis do conhecimento de forma crítica e pensante.

A relação escola e aluno mediatizada por textos, carrega consigo algumas dificuldades que precisam ser supridas. Uma delas é o problema da interpretação única. Isto quer dizer que o próprio livro didático possui a chave da interpretação e ao aluno-leitor não é dada a oportunidade de propor outras respostas. Há professores, inclusive que corrigem as atividades seguindo as mesmas respostas contidas nos livros. O ideal para Rocha (2008) seria “o professor mesmo dispondo de um livro com as interpretações já produzidas de fábrica, oportunizasse o aluno a construir seu próprio repertório sobre o texto lido” (p.32). Mas, claro, para isso, há a necessidade de uma coerência no momento da interpretação, para que não haja hiatos entre a ideia do autor e o enredo criado.

Para Rocha (2008), isso acontece por que:

[...] as características do ensino de leitura que se baseiam nessa concepção de linguagem, ao apego aos cânones gramaticais, estruturados segundo os moldes da tradição clássica; a repetição, anos a fio, dos mesmos enunciados, regras e exemplos de modelos selecionados como corretos e bons; e a ausência das atividades de leitura e de produção de textos que possam trazer as respostas dos leitores como criação própria é quase total (ROCHA, 2008, p. 64).

Outro ponto negativo a ser destacado nessa prática é a leitura quantitativa, na qual surge uma preocupação excessiva com o número de obras ou de páginas a serem lidas, algumas vezes cobradas em avaliações ou em fichas de leitura. O aluno nessa circunstância encontra-se coagido a ler para cumprir uma atividade avaliativa obrigatória e não com prazer para desenvolver tal tarefa. Reitera-se que se o professor se utilizar da leitura como “punição de nada adiantará planejar atividades que necessitem da leitura, tais como interpretação, problemas matemáticos, textos sobre atualidades e outros” (Rocha, 2008, p. 38).

Não há como negar as falhas que ocorrem no desenvolvimento das habilidades leitoras e, tanto o professor quanto a escola precisam estar atentos a isso. Dificilmente se vê, na sala de aula ou no pátio da escola, ou mesmo na biblioteca, professores interessados em tomar como empréstimo um livro ou mesmo trocar ou renovar o que está lendo. Muitos tomam alguns livros como empréstimo, “mas sequer leem, devolvem sem ao menos saber de que se trata àquela obra” (Rocha, 2008, p. 39).

Além disso, Orlandi (2008, p. 42) afirma que a “artificialidade no uso da linguagem na escola compromete não só o aluno, mas o professor, a escola e o

sistema educacional como um todo”. Tal artificialidade é perfeitamente perceptível quando se percebe que “a voz do professor e do aluno não produz, mas reproduz”.

Conforme Rocha (2008, p. 78), a escola deve ser concebida:

[...] como o espaço em que os sujeitos podem, por meio da leitura, dialogar, questionar, discutir, duvidar e compartilhar saberes. Para isso, entendemos a escola como espaço em que convivem diferenças, contradições, erro, cooperação mútua. Nesse espaço, professores e alunos devem possuir autonomia para pensar, para refletir o seu processo de construção do conhecimento, para terem acesso a novas informações [...] (Rocha, 2008, p. 78).

Nessa mesma linha de entendimento, encontra-se Rigolet (2007) que diz que para que as atividades selecionadas sejam desenvolvidas de maneira satisfatória, “é necessário que o professor, ao planejá-las e executá-las tenha por base alguns procedimentos de leitura. Eles podem auxiliar a interpretação e compreensão dos textos” (p.52).

A autora acima afirma ainda que um primeiro procedimento que pode ser adotado é a leitura silenciosa do texto que pode ser feita quando o aluno toma conhecimento do tema abordado, familiariza-se com as palavras, tornando mais fácil e segura à leitura oral. Este contato inicial com o texto é de grande importância, pois a desinibição e a ânsia de um bom desempenho atrapalham a compreensão das ideias (Rigolet, 2007).

Outro procedimento possível que a autora acima menciona é a “leitura oral do parágrafo” (p.79) que significa a seleção e discussão das palavras mais significativas do parágrafo que devem preceder o entendimento, depois o conhecimento integral do texto através da leitura silenciosa, a partir de pausas em cada parágrafo.

Nessa técnica, segundo Rigolet (2007), cada aluno, após a leitura silenciosa pode estar lendo um parágrafo em voz alta, escolhe, marca e discute com os colegas as palavras que julga serem significativas e capazes de resumir a ideia central do texto, a partir daí debate com os colegas e cada um constrói seu entendimento para um mesmo texto. Nessa etapa, o aluno faz a leitura em voz alta das palavras marcadas e, apoiando-se nelas, sem olhar para o texto, resume oralmente o parágrafo e assim sucessivamente.

Convém destacar, ainda, que a escola deve oportunizar autonomia ao aluno, solicitando que, a partir da compreensão do texto e do seu resumo estabelecido, faça paródia, paráfrase, modifique o seu tipo de discurso, para que possa habituar-se

gradualmente à escrita (Rigolet, 2007). Em relação à autonomia do aluno, assegura-se que a leitura direciona:

Sujeitos capazes de ler para se relacionar com diferentes textos e com diversos suportes de escrita que circulam na sociedade de forma crítica, não alienada, pois entendemos que por meio da leitura, o indivíduo pode ter domínio da cultura e, assim, o acesso à participação política e social (Rocha, 2008, p.79).

Para o professor, a participação está diretamente relacionada ao rendimento escolar qualitativo e quantitativo e por isso, ela é um critério importante na avaliação escolar. Talvez tão importante quanto o conhecimento adquirido, pois não são raros os casos de alunos serem aprovados pelo seu esforço em participar – demonstram interesse pelos conteúdos abordados, realizam as tarefas propostas, são assíduos, – e não pelo conhecimento qualitativo, que objetivamente comprovam possuir.

Para o aluno, compreende-se que participar significa ter o direito de decidir sobre seus próprios interesses na escola. Ele quer participar para poder interferir nas decisões do professor e da escola em geral, sobre os limites dos seus direitos e deveres como aluno, ampliando o espaço do seu lugar de fala e escuta institucionalmente definido. Assim, o aluno busca, mesmo inconscientemente, assumir outro lugar, diferente daquele que lhe é reservado pela escola. Nas ideias de Bakhtin, encontra-se:

[...] os objetivos da aula de leitura devem estar ancorados em metodologias coerentes com a concepção de linguagem como interação verbal, para que possam desencadear procedimentos que atendam à efetiva participação dos alunos quanto à defesa de pontos de vista próprios, de forma que exerçam sua condição de leitores críticos [...] (Bakhtin, 2008, p. 79).

Percebe-se nessa perspectiva, a necessidade de inovações serem acrescentadas à prática escolar. Na escola deve haver novas propostas teórico-metodológicas de que são lançadas a cada dia no universo literário, nos livros que surgem desses lançamentos e de outras que mesmo sendo tradicionais, podem ser um para o ingresso do aluno no mundo da leitura.

Outro aspecto que diz respeito à leitura na maturação das estruturas de pensamento, com evidentes repercussões no desenvolvimento do raciocínio lógico do aluno. Embora as relações de interdependência entre linguagem e pensamento há décadas venham originando polêmicas entre linguistas é importante que a escola

trabalhe no sentido de orientar a mediação consciente e facilitadora no processo de leiturização do aluno.

Atualmente o papel do professor no ensino da leitura envolve habilidades e experiências para que o ensino seja interessante e produtivo. Ele precisa adquirir novos conhecimentos para acompanhar as mudanças e as tecnologias que vão surgindo na modernidade.

O professor deve usar desses recursos e gêneros um tanto complexos, mas eficazes, para despertar no aluno o gosto pela leitura. As crianças aprendem a ler participando de atividades com pessoas que dominam esse conhecimento e também quando começam a relacionar o mundo em que vivem com as informações que veem na televisão. Ao perceber que existe uma finalidade, uma relação entre o mundo e o código escrito, uma relação favorecedora da leitura, a criança se abre para a vida.

Em relação a isso, Silva (2003) propõe algumas atividades nas quais, o professor possa explorar o universo da leitura entre seus alunos:

Fazer com que o amor aos livros se transforme, esporadicamente, no tema central das conversas em sala de aula;
 Transformar o livro em si no tema de discussão da classe: tamanho, ilustrações, parte da dedicatória, tipos de gráficos, tipos de capa, etc.; Copilar textos infantis (livros, revistas, recortes de jornais, etc.) relacionados com os eventos do calendário escolar ou com os temas de interesse da classe e formar acervos específicos;
 A partir da análise de personagens centrais (ou secundários) de um só romance ou de diferentes romances lidos, propor a discussão e o aprofundamento de conceitos amplos, como liberdade, coragem, democracia, trabalho, medo, miséria, etc. (Silva, 2003, p.97-98)

Sendo assim, a educação deve ser essencialmente lúdica, prazerosa, fundada nas mais variadas experiências e no prazer de descobrir a vida. As crianças aprendem a ler participando de atividades com profissionais que já dominam esse conhecimento. Na relação professor e aluno ao aproximar-se de informações desejadas, usando alguns gêneros literários como revistas, gibis, o aluno precisa perceber que existe uma relação entre o mundo e o código escrito favorecedor da leitura.

O professor mediador não deve propor atividades com questões objetivas às quais se busca uma resposta óbvia e se nega aos alunos a oportunidade de construção. Isso destrói o desejo do educando de pensar e explorar questões e o leva a preocupar-se com a resposta que o professor gostaria de ouvir. Nas explicações de Paviani:

[...] caracterizam o ensino como transmissão de conhecimentos acabados, bem como a ausência de reflexão sobre linguagem e leitura na prática dos professores participantes do estudo. Nesse sentido, entendemos que as práticas descritas não propiciam a formação do leitor crítico e, pelo visto, se estendem ao longo das séries do Ensino Fundamental, em diferentes disciplinas (Paviani, 2008, p. 55).

É de competência de o professor promover a prática constante da leitura, possibilitando o desenvolvimento das habilidades leitoras ou linguísticas, dentre elas destacam-se: leitura de texto, ortografia, pontuação, aspectos gramaticais, reprodução de um novo texto.

Para que o trabalho realizado com a leitura seja significativo para o aluno, faz-se necessário ao educador utilizar diferentes gêneros de textos, variadas estratégias, adaptando-os à realidade do aluno para que este sinta prazer em participar da aula protagonizando momentos que vão de encontro às aprendizagens significativas. Algumas dessas estratégias podem e devem ser trabalhadas de diferentes formas como é o caso da leitura diária, colaborativa, permanente, sequenciada, compartilhada, entre outros.

Através da sua contribuição, o professor pode estabelecer estratégias para trabalhar a leitura e a escrita em diferentes conteúdos, trabalhar em conjunto com a interdisciplinaridade, considerar o contexto social e cultural no qual o aluno encontrase inserido. Para que isto aconteça, é necessário que este profissional apresente maneiras interrelacionadas e interligadas a diferentes áreas do conhecimento, o que contribui para uma aprendizagem ativa e permite e agregar conhecimentos diversos na compreensão de conceitos e na justaposição da resolução de problemas.

Este profissional é o responsável pela elaboração de metodologias adequadas para incentivar no aluno o prazer de ler, fazendo-o compreender o verdadeiro sentido do ato de ler.

Dessa forma, é inaceitável um professor que não leia, pois não sendo um leitor, dificilmente formará bons leitores. Daí sua grande importância em assumir o compromisso de formar leitores críticos, capazes de atuar na sociedade como agentes transformadores da realidade.

A responsabilidade pelas atitudes orientadoras da leitura e a formação do aluno leitor é dever de todos os professores, independentemente da disciplina com a qual trabalha. Os professores devem estar preparados para não serem somente

professores de sua disciplina, mas, sobretudo, professores de leitura e escrita de textos nas diversas áreas do conhecimento. Antunes (2004, p. 45), destaca que:

O professor é um profissional e como tal precisa se insurgir na relação com o aluno; está ali para ajudar, contribuir, estimular, mas essas metas não podem abrigar a redução ao estabelecimento de limites e a hierarquia de respeitos indispensáveis entre quem oferece ajuda e quem aceita.

O professor deve ser o profissional que descobre o prazer de ler e faz dele uma prática habitual em sua vida. Precisa ser antes de tudo, um leitor ativo, experiente, que leia para o aluno e saiba, principalmente, ouvir e considerar a leitura do aluno, mesmo que esta não seja tão compreensível.

A leitura assídua caracteriza a prática social do ser humano, tornando-o crítico, conhecedor dos seus direitos e, conseqüentemente, seus deveres, inserindo-o no mundo letrado, capaz de entender e resolver seus próprios problemas diante de qualquer situação seja ela de aspecto social, econômico, político ou cultural. Nesse processo ocorre um fenômeno interativo e, ao mesmo tempo, pedagógico e educativo, pois há uma construção recíproca de significados, desenvolvimento de expectativas intelectuais, morais e sociais, entre outros elementos humanos básicos.

A leitura dinâmica de mundo que decorre deste ato, se amplia, ultrapassando-se ao processo básico de comunicação global, oral, escrito ou simbólico.

Em relação a isso, Martins (2003, p. 34) faz o seguinte comentário:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Os professores como articuladores do fazer pedagógico, devem buscar melhorias para seu alunado, utilizando linguagens apropriadas, diretas, objetivas, que estejam ao alcance da compreensão dos discentes. A clareza de informações estimula vários sentidos, a fala e a escuta educativa devem criar situações de cooperação e participação. Meirelles (2010, p. 22-23) afirma: “toda teoria pedagógica será estéril se não for viabilizada na prática, e os recursos e procedimentos poderão ser o grande veículo norteador da estruturação de uma atividade desenvolvida na sala de aula”.

O diálogo entre a leitura e a escrita passa por diferentes saberes que se entrelaçam na construção ética de um viver pessoal, e, sobretudo, coletivo, pois a leitura

tem por objetivo a formação de leitores críticos e reflexivos, prontos para agir na sociedade em que vivem.

3 INTERDISCIPLINARIDADE: interlocuções no processo de ensino e aprendizagem leitor

Trabalhar o “rompimento com as formas tradicionais dos conteúdos escolares não é tarefa fácil”, como lembra Bittencourt (2008, p. 255). Considera-se, no entanto, que a ação pedagógica dos professores no manejo da leitura em sala de aula exija pluralidade, dinamismo com métodos e concepções atuais, não meramente inseridos no campo das Linguagens, mas em todos os campos através de conhecimentos e procedimentos que repercutam na associação entre o texto ensinado e o que pode ser extraído dele.

A perspectiva de uma leitura interdisciplinar se situa entre ensinar e a possibilidade de aprender por eixos de aproximação, pois retrata uma “atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo” (Fazenda, 2008, p.29).

Dentro dessa atitude de reciprocidade impulsionada pela troca, como explica Fazenda (2011), o professor deve priorizar em suas aulas a representatividade desenvolvida pelo aluno, a articulação que as esferas do processo ensino e aprendizagem, a relação de tempo e espaço e o sujeito, ao se deparar com o saber histórico e o que ele demonstra na vasta escala de estudo e pesquisa.

3.1 Interdisciplinaridade: compreensões necessárias

Nas ideias postas por Ivani Fazenda (2008), a intenção da interdisciplinaridade na sala de aula prefigura-se no rompimento do ensino tradicional a partir de um processo de ensino e aprendizagem que envolva um conhecimento globalizante, oferecendo propostas curriculares que aproximem as disciplinas sem perder de vista a especificidade de cada uma.

A abordagem interdisciplinar evita possíveis limites que poderão fragmentar essa ação. Então, por meio de uma metodologia interdisciplinar, torna-se mais acessível capacitar o educando a ter uma postura instigante diante do conhecimento adquirido e, assim, conceber o aprendizado como algo tangível à sua vivência cotidiana. Nessa circunstância, a interdisciplinaridade defendida por Fazenda (2003) refere-se “à interação entre duas ou mais disciplinas, desde a simples comunicação de ideias até a integração de conceitos”.

Fazenda assim explica sobre os primeiros movimentos da interdisciplinaridade nos currículos escolares:

O movimento interdisciplinar surgiu na Europa, mais especificamente na França e na Itália em meados da década de 1960, época em que surgiam movimentos estudantis que colocavam em discussão a necessidade de um novo estatuto para a universidade e para a escola (Fazenda, 2004, p.18).

Convém saber o que significa o termo interdisciplinaridade. A palavra interdisciplinaridade leva a pensar sobre práticas integralistas de estudo. Dessa forma, seria dizer que a ideia é apresentar métodos que possibilitem mediar conhecimento de uma disciplina para outra, de modo que esta mediação sirva como suporte para a aquisição de novos saberes.

Em outras palavras, significa:

[...] etimologicamente o aprofundamento conceitual da palavra: interdisciplina-dade [...] diz que *inter* origina-se do latim e quer dizer, resumidamente, no interior de dois, fazer a ligação, estabelecer nexos [...] (Casali; Tomazi, 2013, p.21).

Ainda sobre interdisciplinaridade, Nogueira-Ramirez (2001, p. 27) explica que ela:

[...] é entendida como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, num trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento contínuo.

A abordagem interdisciplinar indica novos caminhos de forma a evoluir o conhecimento, possibilitando integrar disciplinas pela unificação do conhecimento, um conhecimento estruturado e completo, elevando as chances de aprendizagens mais extensivas.

A interdisciplinaridade chega ao Brasil por volta dos anos de 1960, não como uma abordagem curricular que poderia causar mudanças no processo educacional.

Silva (2019), assim apresenta tal abordagem:

[...] no Brasil essa discussão começou no final da década de 1960, em meio a uma reorganização universitária, naquela época não havia sido feita uma reflexão de grande valor sobre o tema e por conta disso, interdisciplinaridade intitulou-se por modismo – num linguajar popular – mas que involuntariamente resultou no início de algumas reformas educacionais (Silva, 2019, p.33-34).

Esse termo aparece presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, como uma prática capaz de auxiliar na produção de um conhecimento integral.

Assim é definida pelo documento em voga:

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas (Brasil, 1997, p.27).

A metodologia interdisciplinar sugere uma abordagem geral que integre disciplinas para um saber amplo e generalizado. Tendo noção de que apesar de parecer uma prática fácil de ensino, está, requer muita atenção e cuidado para se alcançar o objetivo esperado.

É correto afirmar que a fragmentação do conhecimento delimita o saber e o crescimento intelectual dos alunos, desse modo, a interdisciplinaridade surge como um suporte para unir o conhecimento de modo, que o aluno consiga compreender a realidade, sendo capaz de atuar perante as complexidades dessa realidade.

A interdisciplinaridade surgiu como ferramenta alternativa à realidade escolar, como tentativa de sanar problemas arraigados ao ensino, por exemplo, ao propor uma iniciativa globalizante do conhecimento, unindo disciplinas e conhecimentos, o professor interdisciplinar pode e deve modificar a realidade de sua atuação, sendo o saber em migalhas um dos obstáculos às novas propostas [...] (Casali; Tomazi, 2013, p.39-40).

Na construção do conhecimento sempre em movimento, como defende Fazenda (2011), o exercício educativo de ensinar a ler deve considerar a diversidade de fatores que podem intervir nessa dinâmica, sempre levando em consideração o que o aluno já traz de conhecimento de seu convívio familiar e o que pode, a partir dos conteúdos ensinados, aprender de forma contextualizada.

A interdisciplinaridade visa, nessa ótica, promover um aprendizado aberto a questionamentos e propiciar uma integração entre as Ciências, o que pode acenar para um conjunto de conhecimentos com intensas trocas e para o enriquecimento das ações contínuas do aprender a ler. Isso torna a aprendizagem mais segura, uma vez que os conceitos são compartilhados a partir de visões distintas.

Diante de uma postura que assuma uma visão integradora do conhecimento, observa-se que,

[...] do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador (Japiassu, 1976, p. 65-66).

Para que essa visão integradora aconteça, “o engajamento do docente, enfatizando a necessidade de mudança de postura ante o conhecimento escolar, para que seja possível a realização de um trabalho interdisciplinar nas escolas” (Fazenda, 2008, p. 255), se torna de total importância para conhecer o universo que a prática pedagógica do professor através da interdisciplinaridade envolve até a sua efetivação.

Nesse sentido, ensinar a ler de modo intencional e significativo deve partir do “fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social” (Brasil, 1996, art. 32 § IV). E para que o aluno possa fazer uso das funções sociais da leitura e da escrita, é importante criar vínculos para a associação com o aprender.

Com as determinações que a LDB nº 9394/96 vem exigindo ao longo de sua promulgação, cabe ao professor desenvolver as atividades educativas com vistas ao esmero de seu aluno como leitor fluente para que seu processo cognitivo seja cada dia mais produtivo, relacionando o que aprende formalmente através do conhecimento de mundo. Entra-se aqui no processo de interdisciplinaridade como uma abordagem que prepara o desenvolvimento leitor crítico e consciente.

A possibilidade de aprender interdisciplinarmente consiste no espírito de busca e de organização do que se torna realmente necessário aprender e que esse aprendizado seja significativo e possa promover discussões críticas entre os alunos. Se a “interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas sim ação” (Fazenda, 1993, p. 41), é importante que esta ação promova a redescoberta do saber na tentativa de construir o conhecimento numa perspectiva mais elaborada.

Quando Demo (2011) propõe pensar a necessidade da interdisciplinaridade na prática da leitura, ele acredita que por meio dela o aluno seja capaz de, além de ler conhecer outros caminhos que possam levar a uma leitura mais abrangente. É a construção do saber a partir de um conjunto de variações que podem proporcionar a direção do conhecimento.

Dessa maneira, a interdisciplinaridade caminha em direção à construção de um ambiente escolar partícipe e democrático, no qual o aluno tenha uma visão

recíproca de uma disciplina e de como esta pode intervir positivamente no âmbito de outra, sem perder a dimensão de sua originalidade.

Sendo assim, a interdisciplinaridade apresenta-se como uma forma de preparar o aluno para o pensamento crítico e atitudes ativas diante da aula e da vida, capacidades estas que emanam o poder da criação, inovação, criatividade e o interesse pelo aprendizado.

Dessa maneira, a interdisciplinaridade propõe a ruptura de o modelo disciplinar e elabora uma visão ampliada a respeito dos temas/conteúdos que formam a base comum e a base diversificada dos currículos escolares, não se trata, pois, de criar uma nova disciplina, pois elas são seculares e acompanham as orientações do espaço escolar, mas dinamizar um diálogo entre as várias disciplinas, considerando conhecimentos de outras áreas para o enriquecimento dos saberes que se formalizam nesse espaço. E isso traz uma riqueza para a educação escolar, por sugerir ao docente uma comunicação acessível de seus conteúdos, permitindo, entre uma experiência e outra, ensinar sob diferentes enfoques que otimizem o processo de aprender integrado à necessidade de conhecer o contexto global que envolve o conhecimento.

3.2 O ensino da leitura pelo viés interdisciplinar

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica – DCN Resolução 4/2010 confirmam que o “envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar aprendizagens e encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula”. De igual maneira, proporcionam “a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano” (Brasil, 2010).

As formas de ensinar a ler, principalmente no ensino fundamental, devem ser contextualizadas e, dessa forma, permitir ao aluno se relacionar com os aspectos presentes da vida pessoal, histórica, social e cultural, mobilizando as competências cognitivas e emocionais já adquiridas para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento.

Isso evidencia a necessidade de trabalhar com o desenvolvimento de competências e habilidades, às quais se desenvolvem por meio de ações e de vários níveis de reflexão que reúnem conceitos e estratégias, incluindo dinâmicas de trabalho que privilegiam a resolução de problemas no contexto atual. Mas diante de todas as alternativas que se procuram para melhorar ainda mais a questão da leitura, em alguns momentos se faz necessário o uso de meios que oportunizem possíveis reflexões sobre o trabalho realizado na comunicação oral e escrito das diversas áreas do conhecimento.

No âmbito desta abordagem, fica evidente que os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar e enriquecer a forma como se procede a uma atividade de leitura, seja ela individual ou coletiva, com intuito de facilitar ao aluno desenvolver seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem leitor.

É fundamental entender que para formar leitores se faz necessário que a escola crie ambientes estimuladores, com condições favoráveis para que se desenvolva a prática desse exercício, onde o aluno se sensibilize pela necessidade de ler, criando um espaço agradável no qual queira permanecer nele e possa desfrutar o que há de melhor, tornando assim, um veículo facilitador da aprendizagem no qual lhe dê autonomia diante de sua habilidade leitora.

É preciso que a escola ofereça condições necessárias para que os alunos construam aprendizagens da leitura, além de conquistar o educando de forma prazerosa para que ele desenvolva tal hábito utilizando seus recursos e baseandose num planejamento que atenda não só os alunos bem sucedidos, mas que dê maior ênfase aos que apresentam dificuldades na leitura, possibilitando um despertar para que as dificuldades transformem-se em formas acessíveis de aprender, sensibilizando-os e assegurando-os a apropriação de textos orais e escritos.

Faz-se necessário criar ambientes aprazíveis e contextos que incentivem a construção do conhecimento individual, que não deve ser apenas direcionado por áreas de conhecimento. O aluno precisa ler e fazer referências com a sua realidade, contextualizando o conhecimento de mundo com o conhecimento aprendido na escola.

Rocha (2008) acrescenta que nessa ideia há relevância dos objetivos de trabalhar a leitura em sala de aula, pois propõe ao professor tê-los definidos e buscar

alcançá-los, pois “[...] o modo como o professor concebe a linguagem determina não apenas o como ensinar, o que ensinar, mas, principalmente, o „para quê“ ensinar” (p.58).

A leitura é o embasamento para a escrita. Quem escreve, escreve sempre uma mensagem com a intensão de ser lida, dessa forma,

Às vezes, ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico. Outras vezes requer um trabalho paciente, perseverante, desafiador, semelhante à pesquisa laboratorial. A leitura pode também ser superficial, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica [...] é uma atividade profundamente individual (Cagliari, 2005, p. 149).

De acordo com Cagliari (2005) quem determina as peculiaridades da leitura é quem as ler. O autor ainda afirma que “ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão” (p. 150).

A importância de trabalhar nesta investigação é por crer que o hábito de ler exerce uma grande força no contexto social, político, econômico e cultural, uma nova perspectiva de vida e visão de mundo, mas para que haja uma visão um pouco mais abrangente é necessário que a cultura da leitura aconteça de modo interdisciplinar.

A leitura é uma das principais vias que possibilitam a aquisição de conhecimento. Ela atua também como instrumento que auxilia no desenvolvimento da fala e da escrita, facilitando o processo de comunicação e do estudo linguístico.

Compreende-se, portanto, que a leitura é uma ferramenta que atua em diversos campos da sociedade: nas relações humanas, no processo de aprendizagem, na transformação do meio, na formação do cidadão, na profissionalização dos indivíduos, dentre tantas outras aplicações possíveis, conceituando assim sua interdisciplinaridade (Silva; Vieira, 2016, p. 41).

Apresenta-se a leitura com um mecanismo global de caráter interdisciplinar, atuando como instrumento mediador nas diversas áreas do conhecimento, interpretando contextos, elucidando problemas a fim de esclarecer a realidade.

A leitura como proposta interdisciplinar viabiliza uma nova assimilação da existência humana, possibilitando mudanças tanto no ensino como na aprendizagem, vinculando as disciplinas, facilitando a relação de todas elas de forma que se complementem e contribuam para o fortalecimento do aprendizado interdisciplinar.

Os autores abaixo assim comungam sobre a possibilidade da leitura de modo interdisciplinar:

[...] a leitura torna-se interdisciplinar por servir a todas as matérias, pois todas têm seus códigos linguísticos específicos que exigem interpretação, interação e inter-relação por parte dos alunos e professores. A leitura não está presa apenas nos textos escritos, mas em formulas, gráficos, ícones, tabelas, cadeias, imagens, enfim, em toda forma de expressão da linguagem humana e sua intenção com o meio, e é o domínio e compreensão destas linguagens que propiciam o crescimento de ser social quanto às competências preteridas pelo sistema educacional vigente (Silva; Vieira, 2016, p.42).

A leitura por si só já tem um carácter interdisciplinar, pois mesmo sem a intenção de aplicá-la a outras disciplinas, ele já está incluso, tendo a percepção de que só é possível compreender um problema a partir da sua interpretação.

Com o impacto da expansão do trabalho científico causando a fragmentação do conhecimento no século XIX, começaram a surgir movimentos estudantis para que se houvesse um novo paradigma educacional para revogar a metodologia de ensino proposta no século anterior.

Essa nova proposta trazia a ideia de uma metodologia de carácter integrador do saber, fazendo com que pudesse se obter num todo um conhecimento completo e estruturado. Dava-se início então ao que ficou conhecido como movimento interdisciplinar.

É necessário que se busquem aprimorar técnicas de ensino que encerrem o isolamento das frações do aprendizado, e em contrapartida dê início a junção do conhecimento.

Sabendo-se que é por meio da leitura que o indivíduo assume a aquisição do saber e papeis sociais importantes para a compreensão e transformação do mundo, tornam-se urgentes proposições que possam ajudá-lo a ter uma visão mais abrangente da leitura e dos mecanismos que a intercedem, dessa forma, alargar suas projeções de aprendizagens e estabelecer conexões entre os conteúdos estudados - um inferindo no outro – são caminhos viáveis para a construção de um processo de leitura mais competente.

3.3 Leitura e interdisciplinaridade nas áreas do conhecimento: uma necessidade atual

A leitura interdisciplinar na escola serve como fio condutor para que professores e alunos dialoguem entre si e com seus pares, pesquisem e busquem conhecimentos cada vez mais complexos, independentemente da disciplina ou do conteúdo os quais trabalham. A leitura, assim, necessita romper com a departamentalização do saber e partir para algo mais abrangente, algo que dê sentido completo e complexo à compreensão de um determinado assunto, ou seja, é uma “atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender” (Fazenda, 2008, p.162).

Trata-se, contudo, de uma atitude de valorização do saber mediante a possibilidade da aquisição do conhecimento global e da sua partilha, uma vez que a leitura interdisciplinar desafia a superação de obstáculos no entendimento de algo e aumenta a liberdade da compreensão do cotidiano vivido. Ler com embasamentos científico-literários é um desafio que precisa ser enfrentado.

Não restam dúvidas de que até os dias atuais, o livro didático é sempre muito consumido, muitas vezes, as informações, os conteúdos e as atividades contidas neste material assumem o protagonismo na sala de aula, não permitindo ao professor utilizar-se de outros recursos. A fetichização do livro didático ainda é mais acentuada quando o docente não se permite traçar novos caminhos que perpassem por novos horizontes metodológicos que incidem nas leituras de revistas, jornais, gibis, tirinhas, encartes, folhetos, entre outros.

Quando a prática de leitura fica reclusa apenas nos textos que são contemplados nos livros-texto, permite-se oferecer ao aluno uma leitura limitada, condicionada a uma determinada verdade, sem chances de diálogos com outras fontes que tratam do mesmo assunto. Dessa forma, não se cria uma consciência política e histórica da diversidade literária, o que pode diminuir a capacidade crítica de o aluno ler e interpretar textos variados.

A abordagem interdisciplinar evita que os docentes trabalhem de modo isolado, abre espaços para que produzam outros materiais, que não se prendam apenas em mensagens artificializadas de livros-texto e conduzam suas práticas convertidas aos interesses do discente. É importante lembrar que o professor tem um compromisso ético, social e moral que contribui para a consolidação de uma nação

soberana, democrática, justa e inclusiva, para tanto, é de seu interesse que o seu ensino seja vivo e faça com que o aluno se sinta vivo, e para sentir-se vivo, é compreensível que este aprenda a ler para além da decifragem de códigos.

Os discentes que ocupam o espaço escolar hoje são questionadores, ativos, autênticos e não se satisfazem facilmente com o que lhes dizem, assim, oferecer-lhe leituras padronizadas que contenham notas prontas sem espaços para questionamento e justificativas já não são técnicas que correspondam às expectativas contemporâneas. Nas intenções de Koch e Elias (2008), é preciso que o leitor concentre esforços por meio de vários tipos de conhecimentos para compreender o texto e produzir sentido a ele e dele.

A sociedade atual volta-se à produção, e não mais à reprodução como se via nos modelos de ensino liberais. Nas palavras de Freire (2006, p.43), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

No sentido de expandir práticas sistematizadas para uma leitura mais abrangente, pensar algumas ideias sobre o aprender interessado em exercer um movimento de leitura interdisciplinar é sempre bem aceito. Esse movimento necessita estar presente em todas as áreas do conhecimento, independentemente do conteúdo o qual se aborda e como se aborda.

As exigências das sociedades atuais solicitam que professores, escolas e comunidades estejam atentos às mudanças ocorridas no cenário educacional no que se refere ao protagonismo estudantil e à mediação do professor. O aluno está mais atento ao que lhe é ensinado, sabe questionar, não se contenta facilmente com o que é apresentado na sala de aula, podendo fazer ajustes e até contrapor as explicações do professor.

Estar atento a essas possibilidades faz com que estes profissionais busquem conhecimentos e metodologias renovados e ajustem seus saberes mediante aos conhecimentos que os alunos levam para a sala de aula. Essa autonomia que deve ser gestada pelo professor, “trará a possibilidade de construir, reconstruir, constatar, para mudar a realidade do educando [...] indo da condição de mero espectador do mundo à agente ativo e transformador” (Freire, 2009, p. 14).

Sob esse ângulo, o ato de ler estendido em todas as áreas do conhecimento e não somente multidisciplinado na Língua Portuguesa, requer ir além da decifragem de códigos ou simples ato mecanicista. A leitura deve ter significados distintos e

contextualizados para cada situação, à medida que ela vai se tornando um elemento potencializador para o posicionamento do indivíduo diante da realidade a qual esteja inserido.

Esse ato possibilita a construção da indagação, da condição ética e da prática social conhecedora e respeitosa, enriquecida de estímulos e repertórios advindos do contato com os diversos gêneros textuais.

Por isso, mais do que pensar nos elementos que irão ser utilizados no momento da leitura, os professores devem ter em mente o uso dela de modo transversal, ou seja, utilizando-a em todos os temas tratados na aula, independentemente do componente curricular o qual esteja sendo estudada. A cultura escolar, em tempos de mudanças sociais e sensível à educação inclusiva, necessita que o ato de ler seja uma ferramenta de libertação e desalienação, tornando o sujeito parte integrante da sociedade.

Motivos estes que se apresentam na atualidade fazem com que professores juntamente com a escola priorizem momentos de leitura e reflexão em todas as áreas do conhecimento que são discutidos no ambiente escolar, fazendo com que os alunos enxerguem na leitura a capacidade criativa de dialogar, interpretar, criar, oralizar e construir novos sentidos para os textos lidos e analisados.

3.3.1 A leitura em diálogo com a Língua Português / Inglesa / Arte e Educação Física

A interdisciplinaridade é uma abordagem que contempla o currículo escolar fortemente ligada ao ensino. Segundo Fazenda (2002), essa abordagem caracteriza-se “pela intensidade das trocas entre especialistas e pelo grau de intenção real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (p. 25). Na área de Linguagens é muito comum professores se apropriarem de textos, principalmente os contidos nos livros didáticos para fomentar nos alunos a leitura, seja individual, coletiva ou silenciosa. Muitas vezes, essa leitura é utilizada para fins de resolução de problemas exigidos nos comandos das questões que se apresentam como atividades a serem exercidas.

Nessa mesma direção, é fácil encontrar escolas que se preocupam em cumprir exigências postas nos seus currículos, delegando as responsabilidades do desenvolvimento da leitura apenas para o componente de Língua Portuguesa como se só aqui residisse a capacidade de ler e interpretar. É certo que este componente

guarda em suas especificidades aparatos para tal desenvolvimento, pois o aluno carece conhecer as normas cultas da língua e apropriar-se delas para poder entender outros conteúdos que são tratados em outras disciplinas.

O estudo e entendimento das normas cultas da língua devem ser priorizados no ambiente escolar, pois eles dão suporte para a compreensão de leituras mais complexas, mas não deve ser uma preocupação só a Língua Portuguesa. O entrecruzamento da construção de sentidos das pequenas e grandes narrativas perpassa também por outros campos do saber, o que exige dos leitores maiores interpretações.

A Língua Portuguesa ainda fornece meios para acolher as competências e habilidades postas socialmente, e, traz para o âmbito educacional, pontos que servem de base para todos os outros componentes curriculares trabalhadas na formação escolar dos indivíduos, uma vez que os alunos precisam “selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares” (Brasil, 2017, p. 74).

Essas e outras são consideradas aptidões que exigem a leitura num contexto global e intersubjetivo, pois se torna um mecanismo interdisciplinar que deve estar a serviço não só da Língua Portuguesa, mas de todas as áreas do saber tanto humanas quanto naturais, na certeza de que todas reverberam na codificação e decodificação de símbolos e sinais, sendo de suma importância uma interpretação consciente para que significância e significado.

Assim sendo, há uma necessidade atinente de todos os componentes curriculares e objetos do conhecimento conversarem entre si, para que uma balize o conhecimento do outro e o complemento, caso seja preciso, fortalecendo o

aprendizado em níveis elevados de interdisciplinaridade, permitindo ao aluno o alcance da criticidade, da argumentação e do uso de seu conhecimento prévio como elementos relevantes na construção do saber, sem o risco da alienação de uma educação meramente reprodutora (Brasil, 2017).

Faz-se neste momento uma referência às concepções de leitura como prática social, mencionadas pela BNCC:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/ espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2017, p.67).

Logo, a boa leitura exercida por alunos e professores torna-se interdisciplinar, por estar em favor de todas as outras disciplinas, pois todas, sem exceção, dispõem de códigos específicos que prescrevem compreensão, análise e interpretação. Por mais que a LP ocupe o seu maior tempo por leituras de textos, é importante entender que há interpretação a ser feita fora das linhas dos textos como leitura de gráficos, de tabelas, de cálculos, construções imagéticas, etc., enfim, em toda a expressão da linguagem e movimentos humanos há necessidades de diferentes leituras e diferentes interpretações, o que facilita um entrosamento entre leitura e leitor.

Daí surge a importância de propiciar diversos momentos de leitura que proporcionem ao aluno à produção rumo a novos textos. É na escola que estes momentos devem ocorrer sistemática e simultaneamente, e é na aula de LP que esse encontro deve começar de modo que estabeleça com o leitor laços de cumplicidade e criticidade perenes às narrativas lidas e com a possibilidade de adentrar no universo de mensagens advindas de outros campos que formalizam o conhecimento.

Cabe ao professor de LP ser o mediador entre os alunos e os elementos que compõem este campo no que se refere aos argumentos que embasam a leitura, promovendo momentos e atividades que possam se responsabilizar na investidura do processo de ensino e aprendizagem. Mas é importante ter em mente que não é só tarefa deste campo as atribuições de leitura, é também dever de o professor buscar apoio em outras ciências para que esta ação se concretize com mais segurança.

3.3.2 A leitura em diálogo com a Matemática

Uma sociedade que perpassa por um avolumado processo de rápidas transformações desenvolve sempre novas necessidades, e isso requer de seus membros a busca constante por novas informações e conhecimentos que venham proporcionar o desenvolvimento humano e social. Por isso, “transformar informações em conhecimento exige, entre outros, atitudes colaborativas entre os sujeitos para o

adequado tratamento da informação no sentido de absorver, analisar, criticar e recolocá-la, com nova visão, no seu contexto” (Alarcão, 2010, p.23).

A Matemática é aquela ciência onde as ideias, as estruturas e os conceitos são desenvolvidos como ferramentas necessárias para organizar e compreender os fenômenos dos mundos metal, social e natural (Brasil, 2017). Dessa forma, ela sempre exige perspicácia e destreza de seus aprendentes em suas resoluções de problemas.

Os estudantes têm oportunidade de desenvolver o pensamento lógico, identificar a relação de dependência que há nas diversas dimensões que possam envolver este campo através de situações-problema. Lógico que para esta ação há uma permanente necessidade de leitura de tais situações que envolvem contas, gráficos, tabelas, imagens, entre outros.

Diante da resolução de problemas matemáticos, por meio da leitura, os estudantes ganham chances de articular os conhecimentos com outras áreas, investigar os desafios do mundo contemporâneo com base na análise de estorvos de ordem social, econômica, histórica e cultural, recorrendo a conceitos, estratégias, procedimentos e linguagens próprias da Matemática. Todos os comandos que se têm para resolver situações-problema matemáticas perpassam pelo campo da leitura, análise e interpretação, assim, a leitura consciente não pode ficar de fora do momento de resolver questões que destacam os cálculos matemáticos.

Com vistas a contribuir com uma leitura social no campo da matemática que atenda às necessidades dos sujeitos inseridos nesse contexto, a BNCC informa que a “construção do saber lógico como elemento de interpretação e intervenção na realidade” (Brasil, 2017, p. 27), carece passar por uma leitura reflexiva, que faça com que o aluno entenda e promova uma discussão com questões de raciocínio lógico para poder responder as situações-problema às quais esteja envolvido.

O ensino da Matemática, assim como o de Língua Portuguesa desempenha papel de extrema relevância na formação do cidadão. Através deste componente curricular é possível resolver questões da vida prática, além de dar alicerce para se pensar as demais áreas do conhecimento.

Esta ciência acompanha a humanidade desde os seus primeiros passos, pois a necessidade de organizar a vida por meio de contagem, medição e controle de produtos e animais sempre foi grande. A partir dessa necessidade foram surgindo os primeiros símbolos e expressões matemáticas de quem se tem notícia e com eles o

esforço do homem em resolver problemas por meio da aplicabilidade da exatidão. A BNCC informa que se tem “leitura, escrita, comparação e ordenação de números naturais de quatro ordens” (Brasil, 2017, p. 286), como objeto do conhecimento matemático. Isto quer dizer que para ensinar as formas e expressões, passa-se necessariamente pela leitura para que se possa interpretar e resolver os problemas de maneira adequada, além de “resolver e elaborar problemas que envolvam a comparação e a equivalência de valores monetários do sistema brasileiro em situações de compra, de venda e de troca” (Brasil, 2017, p. 289).

O ensino da matemática sofreu mudanças substanciais ao longo dos tempos, por meio da reestruturação e avaliação de métodos e técnicas usados pelos professores, que começaram a se preocupar com as inúmeras dificuldades dos alunos em compreender a linguagem matemática. Estes profissionais partiram em buscas de possíveis soluções para sanar tais obstáculos e assim, poder ofertar um ensino mais instigante e envolvente.

No sentido de entender tal necessidade os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, p. 29) chamam a atenção para:

As necessidades cotidianas fazem com que os alunos desenvolvam uma inteligência especialmente prática, que permite reconhecer problemas, buscar e selecionar informações, tomar decisões e, portanto, desenvolver uma ampla capacidade para lidar com a atividade matemática. Quando essa é potencializada pela escola, a aprendizagem apresenta melhor resultado. (Brasil, 1997, p. 29)

Diante das intervenções feitas pelos PCN, a matemática representa um campo essencial para explicar a vida humana e a existência terrena que podem ser calculadas por números de dias, meses, anos e horas estimados em calendários de acordo com o tempo e o espaço. As sociedades e suas épocas que se definem da antiguidade à idade contemporânea só são passíveis de serem estabelecidas através de acordos matemáticos, para que as pessoas possam entender noções de temporalidade que ocorreram em épocas passadas até os dias atuais. Por ser um ensino altamente importante para a vida humana, a leitura precisa ser bem ensinada para ser bem compreendida, por meio de uma melhor assimilação de resultados.

Assim,

[...] o ensino da matemática deve ser realizado de maneira a proporcionar uma maior interação do aluno na sala de aula e fora dela também, promovendo atividades que sejam passíveis de manipulação e que façam com que a criança interaja mais, buscando desenvolver o conhecimento matemático, de forma que possa atuar na sociedade e na natureza de forma estratégica (Muniz, 2009, p. 116).

A matemática apresenta um campo fértil de possibilidades na sua utilização, por inserir experiências simples do dia a dia como contar, quantificar, calcular, medir, etc. Levando em consideração essa realidade, ela deve ser ensinada a propor reflexão e diálogo entre os alunos e os números para que haja desenvolvimento de competências e habilidades matemáticas que interajam com as demandas sociais.

As exigências que se fazem presentes na atualidade propõem defender uma abordagem interdisciplinar no campo da matemática, inserindo a leitura consciente de gráficos, imagens e tabelas no uso de resolução de problemas com diálogo prévio entre o aluno e o cálculo, familiarizando o aprendiz com os números e incitando o entendimento de que os cálculos fazem parte cotidianamente da vida das pessoas. Para se chegar a um resultado matemático coerente e com interpretações viáveis há de se erigir uma leitura completa do composto matemático.

Nas palavras de Fazenda (2003) essa exigência fica mais clara:

[...] ensinar matemática é, antes de tudo, ensinar a “pensar matematicamente”, a fazer uma leitura matemática do mundo e de se mesmo. É uma forma de ampliar a possibilidade de comunicação e expressão, contribuindo para a interação social, se pensada interdisciplinarmente (Fazenda, 2003, p.62).

A leitura interdisciplinar na matemática contribui para a melhor formação humana e para a ruptura da fragmentação do conhecimento, buscando sempre uma forma de aproximar os saberes já adquiridos com esta área, tornando assim, este campo mais fácil de ser conquistado e mais prazeroso de ser aprendido, sem a ideia de que a matemática é difícil ou chata.

A abordagem das concepções de conhecimentos abstratos supõe a superação das dificuldades que os alunos possam vir a apresentar, e também o fortalecimento no processo de ensino e aprendizagem e na capacidade de resolver problemas comuns à sua realidade. Essa capacidade se torna um tanto mais real à proporção que houver uma leitura, em variados gêneros textuais para que se possa situar uma resposta mais contextualizada e significativa.

No campo matemático, os alunos têm a oportunidade de desenvolver o pensamento lógico, identificando a relação de dependência que há nas diversas dimensões que possam envolvê-lo por meio de situações-problema. Aqui há a identificação de grandezas, medidas, a ampliação das noções de cálculo, entre outros.

As experiências conquistadas em contato com o universo matemático possibilitam planejar e executar tarefas que são extremamente necessárias à vida das pessoas, como comunicar-se, expor ideias, resultados por meio da fala e de representações gráficas, mas para isso é importante ler os comandos que conduzem a esses resultados.

Fica entendido, no entanto, que o ensino matemático por meio de uma leitura interdisciplinar contextualizada por esferas que lhe deem apoio, melhora a compreensão do aprendizado e promove maior influência entre o aluno e seus pares e lhe dá condições cognitivas para a assimilação de conceitos e cálculos matemáticos.

3.3.3 A leitura em diálogo com as Ciências Humanas

As Ciências Humanas no ensino fundamental respaldam estudos de História e Geografia e permitem compreender o sentido da sociedade no contexto atual, levando em conta as transformações nas diversas sociedades ao longo do tempo. Ao dialogarem com conceitos advindos das diversas áreas do conhecimento, esses campos ampliam a visão dos alunos sobre o mundo social, as relações que envolvem tempo, espaço, cultura, localização, além de oferecer instrumentos que possibilitam o desenvolvimento da capacidade de analisar, interpretar e sistematizar a realidade social em várias esferas.

Nas relações que são firmadas na vida em sociedade, o indivíduo interage e se relaciona com outros indivíduos através de grupos sociais, constrói e atribui significado ao mundo, produz conhecimentos e saberes, frutos de suas tradições físico-materiais e simbólico-culturais. O indivíduo reconhece os diversos modos de viver em sociedade, estabelece relação direta com a natureza e intervém nos processos de socialização por meio de papéis, valores e identidades que se constituem ao longo da vida. À luz da BNCC, tem-se sobre os estudos das Ciências Humanas:

A área de Ciências Humanas contribui para que os alunos desenvolvam a cognição in situ, ou seja, sem prescindir da contextualização marcada pelas noções de tempo e espaço, conceitos fundamentais da área. Cognição e contexto são, assim, categorias elaboradas conjuntamente, em meio a circunstâncias históricas específicas, nas quais a diversidade humana deve ganhar especial destaque, com vistas ao acolhimento da diferença (Brasil, 2017, p. 353).

As CH têm o papel social crucial na formação de indivíduos autônomos para que possam responder as demandas sociais sem grandes esforços, pois as linguagens para compreender os aspectos da realidade sociocultural devem ser significativas e necessitam de uma leitura crítica e respaldada em diversos conhecimentos.

A relação entre educação e sociedade perpassa pelos aspectos políticos, sociais, históricos e culturais, dessa forma, os alunos necessitam ser leitores assíduos para compreender e interpretar suas experiências de vida e defender seus pontos de interesses. A leitura desses aspectos torna-se essencial por permitir possíveis articulações na ampliação e no aprofundamento das argumentações e proporcionar “condição de compreender as mudanças que ocorreram no mundo em variados tempos, escalas e processos históricos, sociais [...]” (Brasil, 2017, p. 363).

No universo que envolve a leitura, construir bases que incorporem o saber culturalmente construído ao longo dos tempos como forma de expressão e apropriação do conhecimento, torna-se fundamental para a autonomia crítica do aluno dentro e fora da escola, haja vista que entender seu contexto de natureza histórica é uma questão que envolve conhecimento e reflexividade que permitam compreender o seu lugar de fala, de escuta e de mundo.

De maneira geral, as abordagens que são desenvolvidas no momento da leitura em sala de aula requerem garantir o estabelecimento “de relações entre conceitos e fatos que possibilitem o conhecimento da dinâmica do meio físico, social, econômico e político” (Brasil, 2017, p. 368). E essa elaboração de conceitos só é permitida através da dinâmica da leitura.

Acredita-se, pois, que a forma como diferentes sociedades estruturam e organizam o espaço físico-territorial e suas atividades econômicas permite, por exemplo, reconhecer os diversos modos como essas sociedades estabelecem suas relações com a natureza, incluindo-se aos problemas ambientais resultantes dessas interferências.

Compreende-se, dessa maneira que as ciências humanas permitem dar sentido à sociedade desde épocas passadas às atuais, levando em conta suas transformações nos diversos momentos de sua existência. Outro ponto bastante discutido é compreender as especificidades do trabalho e suas contradições na sociedade capitalista, identificar as concepções ideológicas que permeiam as relações de poder [...] construção de atitude reflexiva, proporcionando a interpretação das diversas manifestações sociais da vida cotidiana humana (Brasil, 2017). Condições que só as leituras interdisciplinares dosadas de vários textos e hipertextos poderão ofertar.

Essa oferta deverá fazer parte do planejamento diário do professor, independentemente da disciplina ou do conteúdo que esteja sendo desenvolvido. As leituras cotidianas em sala devem envolver temas diversos e inclusivos que façam com que os alunos entendam as temáticas, problematizem e construam suas opiniões acerca delas. Essa leitura, além de chamar a atenção para o objeto que está sendo estudado, estimula a criatividade, a imaginação, a linguagem oral e amplia o horizonte argumentativo e criativo.

Em outras palavras, ela estabelece uma relação direta entre o que está sendo ensinado e a inferência e a interpretação de resultados. Somente a partir da leitura em sala de aula, realizada de forma planejada e intencional será possível estabelecer a interação e a troca de conhecimento entre professor/ aluno e aluno/aluno, em uma reciprocidade constante e progressiva. Em consonância com Kleiman (2008, p. 34) “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele, o que, mal ou bem, fazemos, mesmo sem ser ensinados”.

Por ser um campo vasto e dinâmico inserido em vários componentes em seu entorno, as ciências humanas questionam a realidade para compreendê-la melhor, distanciando-se de uma visão acrítica, assume postura crítica frente ao que tem como verdade e presume a responsabilidade de diagnosticar, analisar e comparar para se chegar a um entendimento subjetivo. Só em contato com múltiplas leituras é que se pode criar sentido em condições específicas de compreensão.

Entender a sociedade e a complexidade que a envolve não é tarefa fácil, nem para quem ensina e muito menos para que aprende, os condicionantes sociais, as mentalidades, a forma de viver entre outros aspectos mudaram substancialmente com o passar dos tempos. Posturas negligentes até então aceitas, hoje incomodam e

devem ser denunciadas. As memórias construídas a partir de uma relação de poder, responsáveis por estereótipos e estigmas sociais são refutadas e alinhadas às necessidades da contemporaneidade.

De acordo com Meotti e Castela (2008, p.55), as mudanças na prática pedagógica “ocorreram de maneira gradual e lenta a partir de iniciativas individuais de docentes que tendem a incorporar este novo suporte, este novo formato e estas novas potencialidades em suas aulas”. Assim, a leitura proposta na escola, em geral, deve pensar o efeito da reflexão em torno da desconstrução desses estigmas e propor alertas de novas posturas diante da compreensão da sociedade como um todo, dando voz à minoria que foi silenciada e protagonismo à história “menor”, como composto de uma história maior que foi contada de geração em geração.

O incremento da leitura nas ciências humanas reside na abertura de possibilidades que levem os alunos a pensar, interrogar, concordar e discordar com as histórias e/ou fontes históricas consultadas e, assim, construir seu próprio enredo para o que foi contado.

Nas palavras de Matêncio (2015) encontra-se a seguinte observação em relação à leitura:

O desenvolvimento da atividade de leitura implica [...] a construção de hipóteses que, baseada em indícios e informações sobre o que se procura obter do texto, auxiliarão sua compreensão. Ao longo da leitura, o leitor possui um grau de previsibilidade sobre o encaminhamento que será dado ao texto, fundamentado tanto em seu conhecimento de textos e de mundo como nas informações fornecidas pelo texto que está sendo lido (Matêncio, 2015, p. 40).

Em todos os momentos e circunstâncias na vida humana, seja na família ou nos meios sociais como a escola e outras instituições de notório valor, a presença da leitura se faz necessária. Em uma sociedade recheada de letras, decifrá-las é o melhor caminho a percorrer, mas não compete mais apenas a decifração, este é apenas o indicador da partida, importa sim, uma leitura carregada de sentidos e construção de significados. Nessa perspectiva, a leitura se torna interessante e desafiadora por se tratar de uma prática social que evidencia uma produção em série de entendimentos que devem se prolongar ao resto da vida.

Em relação à interdisciplinaridade no campo da leitura, é importante lembrar que as demandas atuais exigem que as ciências conversem entre si para que o conhecimento do aprendiz ganhe proporções maiores, que ele possa visualizar

aprendizagens mais abrangentes a partir de uma familiarização com a leitura. É impossível pensar em ensinar alguém ou mesmo aprender algo desprovido da leitura, ela perpassa por todos os campos e auxilia nas práticas de sala de aula de modo interessante e motivador, mas para isso é necessário que os professores dialoguem entre si, promovam momentos de interação entre o conhecimento e o aluno, fazendo com que este seja convidado a participar e gostar de ler, que talvez seja o ponto mais alto no momento da aula.

Fica circunscrito então, que para além da decifragem de código, a leitura só se torna interessante a partir do momento que o leitor é convidado a ler, a participar da escolha da leitura, a dialogar com os autores, a sentir-se parte integrante do texto, entre outras atribuições. Então quanto mais o professor lhe proporcionar momentos de interação com a leitura, melhores chances o aluno terá de se desenvolver em todas as áreas do conhecimento e terá uma visão interdisciplinar de mundo, de vida, de escola e de sociedade.

3.4 Estratégias para uma leitura pelo viés interdisciplinar

Sabendo-se que a leitura é recorrente em todas as áreas do conhecimento, o professor deve criar mecanismo para que ela aconteça em todos os momentos em sala de aula e que o aluno seja incitado a ler e assim, produzir conhecimentos que promovam aprendizagens significativas. Para isso abaixo encontram-se alguns apontamentos de como o professor deve agir para essa promoção.

Primeiro o professor deve gostar de ler, pesquisar o que ler, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2006, p.41). Dessa forma, antes de preparar a aula este profissional deve pesquisar o conteúdo a ser ministrado, estudá-lo, debruçar-se sobre os livros para que possa cada vez mais ensinar de modo seguro e respaldado. Com as demandas interdisciplinares que batem à porta das salas de aula atuais, o professor deve estar preparado através de variadas leituras para um mesmo assunto, só assim, ao mostrar o conteúdo aos alunos, ele já tenha propriedade sobre os temas abordados.

Outro apontamento que merece destaque é o uso de metodologias virtuais em sala de aula. Tendo-se consciência que o aluno atual é um sujeito conectado, o professor pode propor leituras virtuais, visitas em blogs, sites, Instagram, *facebook* entre outros que ofereçam material de qualidade para a leitura contextualizada. Ao

selecionar os canais virtuais este profissional pode conversar com os alunos sobre o conteúdo, mostrar o manuseio correto dos aparatos tecnológicos, propor escolhas saudáveis de leitura e projeções de atividades.

Utilizando-se de tecnologias digitais, é importante lembrar que a leitura virtual não possibilita a interação somente entre as disciplinas, mas de todo um contexto no qual as letras façam parte, haja vista que “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito” (Freire, 2006, p. 109).

Solé (2008) chama a atenção para algumas estratégias de leitura que podem ser utilizadas pelo professor, que para ela despertam a vontade de aprender interdisciplinarmente, são elas:

Antecipação do tema ou ideia principal a partir de elementos textuais, como título, subtítulo, imagens gráficas, outros. Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto;
Expectativas em função do suporte;
Expectativas em função da formatação do gênero; Busca de informações complementares;
Troca de impressões a respeito do texto lido [...] (Solé, 2008, p. 58).

A leitura do texto seja pelo aluno ou pelo professor de modo interdisciplinar se propõe a confirmar, refutar ou retificar as antecipações e/ou expectativas que foram criadas antes da leitura e através do debate coletivo. É importante que o professor construa uma imagem prévia das principais informações contidas no texto para depois de apresentá-lo à turma solicitar o entendimento deles e assim, confrontar com as principais ideias mostradas antes da leitura.

Já que em muitas escolas o uso do livro didático seja obrigatório e, muitas vezes, fonte única de pesquisa, o professor pode utilizar os textos que são contemplados neste material adicionando outros que sirvam de complementação às suas informações. Esta estratégia não descarta o uso do livro e prioriza leituras variadas para uma mesma temática. Acredita-se, pois, que esse conjunto de atividades “estabelece espaços, denominados: a saber, onde estão apresentados conteúdos e informações que pretendem funcionar como suporte para a atuação na orientação aos alunos durante a aplicação da leitura condensada com outras leituras” (Solé, 2008, p.76).

Dinâmicas de leituras também se apresentam como estratégias que otimizam o momento da aula. O professor pode selecionar vários textos curtos, distribuí-los aos

alunos e após alguns minutos de leitura e compreensão solicitar o entendimento de cada um. É importante escolher temáticas sensíveis que possam ser trabalhadas em todas as disciplinas curriculares.

Agindo assim,

[...] a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura variada pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna (Brasil, 1998 p. 20).

A leitura é o diálogo que acontece entre o aluno (leitor) e o texto, e esta acontece de duas formas, como define Leffa (2006, p. 9) “ler, para alguns autores é extrair significado do texto, para outros lerem, é atribuir significado ao texto”. Nesse caso o leitor tem de conhecer o significado de todas as palavras do texto, sem fazer inferências que possam destoar o significado está contido no texto. Para isso o aluno leitor deve usar todas as estratégias de leitura possíveis, para tornar este diálogo mais viável e prazeroso.

Como visto, são várias as estratégias que o professor pode fazer uso em sala de aula para desenvolver não só o prazer pela leitura, mas a permanência nela e, de preferência, que seja interdisciplinar, pois a sociedade atual exige que temáticas sensíveis sejam postas em discussão no ambiente escolar e é nesse ambiente que deve haver possibilidades de discussões e reflexões sobre tais temáticas e possíveis soluções para sanar problemas e/ou dificuldades que possam ser encontrados.

Ensinar a ler envolve várias ações cognitivas entre o leitor e o conhecimento, para uma reflexão no ato de ler, atribuindo significado ao texto e questionando a individualidade, a subjetividade como o universo das relações sociais. Só assim se produz conhecimento que servirão tanto para os conteúdos específicos trabalhados em sala como para a prática de vida social.

4 CONCLUSÃO

Ao longo do estudo, buscou-se levantar questões relevantes sobre pontos importantes da leitura na vida cidadã do indivíduo, e para dar início, discutiu-se primeiramente apontamentos iniciais sobre a leitura, perpassando pela família, a relação desta com a escola e o papel social do professor e da própria escola como elementos mediadores e responsáveis pelo desenvolvimento das competências leitoras.

Foi possível perceber que a leitura deve ser introduzida na vida da criança desde muito cedo para que ela adquira gosto e prazer para tal, e é neste momento que a família deve assumir total responsabilidade, para que a continuidade desse prazer seja projetada para o ambiente escolar.

Mais adiante foram ressaltadas as interlocuções da interdisciplinaridade e a leitura no processo de ensino e aprendizagem como uma necessidade de diálogo com todas as áreas do conhecimento. No material pesquisado houve referência da leitura sendo trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa, de Matemática e de Ciências Humanas, mas há de se mencionar que o desenvolvimento desta ação não deve restringir-se apenas nas áreas preestabelecidas neste estudo, estas foram usadas de modo exemplificativo para que sirvam de caminhos para todas as outras não mencionadas. Ou seja, a leitura deve ser utilizada em todos os momentos da aula, em todos os temas trabalhados e deve estar sempre presente nos planejamentos dos professores, já que ela pode ser uma das definições de indicador da qualidade social da educação escolar, como é estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2013, p. 58).

O estudo também discutiu um pouco sobre como o professor deve proceder diante de temas trabalhados e como a leitura pode intervir na compreensão do objeto ao qual deseja construir conhecimentos. Lembrando que para que haja uma leitura instigante e promovedora de significações é necessário que haja estímulos e que os elementos que a compõem sejam de fácil reparação e compreensão, adicionando a ela a escolha de bons gêneros textuais e, principalmente, articulada ao tema trabalhado.

Foram mencionadas também algumas estratégias de como o professor deve trabalhar temas sensíveis em sala de aula de modo interdisciplinar, envolvendo esses temas nas áreas do conhecimento e na vida prática do aluno enquanto cidadão.

Foi valoroso e ao mesmo tempo notável ponderar que a leitura é uma das ações mais nobres que as pessoas podem utilizar para se desenvolverem na vida social, pois ela está em todos os lugares que a sociedade acomoda, dessa forma, acredita-se que este instrumento apresenta elementos facilitadores na mobilização de saberes e na construção de uma vida social integrada, socializadora, saudável e organizada.

Espera-se que os objetivos mencionados no início da inquirição tenham sido contemplados, haja vista que o processo de leiturização uma vez dinâmico e bem direcionado providencia experiências culturais, valores e significados importantes para a vida individual e coletiva de cada aprendente. Diante dos resultados aqui expostos fica compreendido que a valorização da leitura, o espaço reservado a ela e a forma como é direcionada a sua execução são aperitivos de sumária importância para o desenvolvimento cognitivo humano. Assim, a leitura não pode restringir-se apenas a um determinado campo do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ANTUNES, Celso. **O Jogo e a educação infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir**. Fascículo 15. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2011.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. Octávio M. Cajado. São Paulo: Ática / UNESCO, 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRAGATTO FILHO, P. **Pela leitura literária na Escola de Primeiro Grau**. São Paulo. Ática, 2005.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília – Câmara dos Deputados Federais, 1988.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC; SEB; Dicei, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394/96**, Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. 12ª impressão. São Paulo. Scipione, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2005.
- CASALI, M. D. O.; TOMAZI, T. G. SOARES, A. L. R. Os Desafios da Interdisciplinaridade: aliando teoria e prática. *In: Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*, 27, 2013, Natal, Anais. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013, p. 1-10.

CAVALCANTI, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CUNHA, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2008.

DEMO, P. Pesquisa como princípio educativo na universidade. *In*: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (Org.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FAZENDA, I. A. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A Formação do professor pesquisador – 30 anos de pesquisa. **Revista E-Curriculum**. São Paulo, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>. Acessado em 14/10/2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo, Brasil, 2002.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 2008.

FERNANDES, Carlos Alberto. **Leitura: janela aberta para o mundo**. João Pessoa: Ideia, 2008.

FERRARI, Mário; KALOUSTIAN, Silvio Manoug. Introdução. *In*: KALOUSTIAN, Silvio Manoug (Org.). **Família: a base de tudo**. 8. ed. Brasília, DF.: UNICEF: São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**. Autores Associados, São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Sobre educação: diálogos/Paulo Freire e Sérgio Guimarães**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KAMICASA, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do Letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LEFFA, V. J. **Aspectos da Leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra DC, Luzzatto, 2006.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Prática educativa, pedagogia e didática. *In: Didática*. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2013. – (Coleção Primeiros Passos).

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

MEIRELLES, Elisa. Literatura, muito prazer. **Revista Nova Escola**. Ano XXV. Nº 234. Agosto de 2010.

MEOTTI, Madalena Benazzi; CASTELA, Greice da Silva. Multiletramentos no ensino fundamental: da formação continuada à sala de aula. *In: Interfaces*. Vol. 11. N. 3, 2020.

MOLINA, Mônica Castagna. Reflexões sobre o significado do protagonismo dos alunos leitores em movimentos sociais na construção de Políticas Públicas de Educação do Campo. *In: MOLINA, Mônica Castagna (Org). Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão II*. Brasília: MDA/MEC, 2012.

MUNIZ, A. Cristiano. Diversidade dos conceitos das operações e suas implicações nas resoluções de classes de situações *In: _____ Reflexões sobre o ensino de matemática nos anos iniciais de escolarização*. Sociedade Brasileira de Educação Matemática. 2009. p.101-118.

NOGUEIRA-RAMIREZ, Carlos Ernesto. **O governo pedagógico: da sociedade do ensino para a sociedade da aprendizagem**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 4 ed. São Paulo: Cortez; Campinas SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

PAVIANI, Mônica Sodatelli. **Linguagem e implicações pedagógicas**. São Paulo: Educs, 2008.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RIGOLET, S. **Leitura do Mundo – Leitura de Livros**: da estimulação precoce da linguagem escrita. Porto: Porto Editora, 2007.

ROCHA, M. **As Expressões Artísticas no Currículo do 1.º Ciclo**: Relevância no Desenvolvimento Integral do Aluno. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

SANDRONE, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**: guia prático de estímulo à leitura. 3.ed. Ática, 2011.

SILVA, E. T. **A produção da leitura na escola**: Pesquisas e Propostas. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SILVA, E. T. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola**: Pesquisas x Propostas. São Paulo: Ática, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura em curso**: trilogia pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2019.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

TRINDADE, Carlos E.J. **A ludicidade na escola**. São Paulo: ed. Loyola, 2012.

XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertextos e gêneros textuais**: novas formas de construção de sentidos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.